

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
LICENCIATURA E BACHARELADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

PATRÍCIA CAMILE MONTEIRO PINHEIRO

**DA JAMAICA PARA O “MEIO DO MUNDO”: AS FESTAS DE REGGAE
E A FORMAÇÃO DO CIRCUITO REGUEIRO EM MACAPÁ-AP**

Macapá
2016

PATRÍCIA CAMILE MONTEIRO PINHEIRO

**DA JAMAICA PARA O “MEIO DO MUNDO”: AS FESTAS DE REGGAE
E A FORMAÇÃO DO CIRCUITO REGUEIRO EM MACAPÁ-AP**

Artigo Científico apresentado a Universidade Federal do Amapá como requisito básico a apresentação do Trabalho de Conclusão de Curso do curso de Licenciatura e Bacharelado em Ciências Sociais.
Orientador: Msc. David Júnior de Souza Silva

Macapá
2016

**DA JAMAICA PARA O “MEIO DO MUNDO”: AS FESTAS DE REGGAE
E A FORMAÇÃO DO CIRCUITO REGUEIRO EM MACAPÁ-AP**

Artigo Científico apresentado a Universidade Federal do Amapá como requisito básico a apresentação do Trabalho de Conclusão de Curso do curso de Licenciatura e Bacharelado em Ciências Sociais.

Data da defesa:

11/07/2016, às 17:00 H, no bloco C do Câmpus Marco Zero do Equador.

Nota Obtida: 10

BANCA EXAMINADORA

Msc. David Júnior de Souza Silva – Orientador (Docente/ UNIFAP)

Dr.^a Maria do Socorro Oliveira – Avaliadora (Docente/ UNIFAP)

Dr. Joseph Handerson – Avaliador (Docente/ UNIFAP)

Sumário

Agradecimentos.....	5
Resumo	6
Abstract.....	7
Apresentação.....	7
O trabalho de campo	10
Introdução	14
A origem do <i>reggae</i> na Jamaica.....	15
O <i>reggae</i> chega ao Brasil e contagia a “Jamaica Brasileira”	17
Macapá: capital do Estado do Amapá e “Cidade do Meio do Mundo”	19
Da Jamaica para o “Meio do Mundo”: o <i>reggae</i> desembarca no Amapá	20
O circuito regueiro de Macapá: os primeiros bares.....	21
UNA: as primeiras festas de <i>reggae</i> em Macapá.....	23
Programa de rádio “Tribus do <i>Reggae</i> ”: laboratório de <i>DJ's</i> em Macapá.....	25
As festas no trapiche Eliézer Levy: “o <i>Reggae</i> do Bondinho”	28
Bar <i>Kingston Music</i> : ponto de encontro dos regueiros na orla do Santa Inês	32
Uma cultura nômade em Macapá.....	34
O universo de <i>DJ's</i> (Disk Jôquei) macapaense	36
A disputa de espaço e a briga pelo pioneirismo	38
Considerações finais.....	42
Referências	44
Anexos	43

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus! Pois, em todos os momentos de solidão ele nunca me abandonou.

Aos meus familiares, Priscila, Malena, Davi, Clarinha, Tia Maria, Kiara, Tio Augusto, João, Léu, (Tia Sandra, Vó Francisca e Papai – *in memorian*) pelo apoio incondicional, conselhos e por não deixarem de “pegar no meu pé”; em especial à minha querida Mamãe Constância por acreditar em meu potencial e estar sempre presente para que eu pudesse superar os obstáculos. As amigas, Lana Torres, Clara Ferreira, Renata Ribeiro, Karina Emanuelle, Rafaely Rocha, Família Cuevo (Yasmin, Thayna e Tia Ivaneida) pela amizade e companheirismo (mesmo à distância), pela ajuda e estima, e principalmente, pelo nosso amor fraterno resistir às tempestades que a vida nos impõe.

Aos amigos Jomar Quaresma, Maurício de Carvalho e Marco Aurélio (*in memorian*) por todo o incentivo, apoio e estima e por estarem sempre presentes nos momentos difíceis.

Ao Professor Dr. José Maria da Silva, por ter me dado a oportunidade de apaixonar-me pela Antropologia, pelos ensinamentos, pelo apoio e incentivo, pela orientação do trabalho de campo e escrita, por acreditar em meu potencial e ter-me “aturado” durante os três anos desta pesquisa e, principalmente, pelo grande exemplo de profissional que ele é.

A todos os envolvidos direta e indiretamente na “cena *reggae* do Amapá”, por aceitarem participar deste estudo, cedendo informações e por me “acolherem” em seu meio. Não citarei nomes porque são muitos e não quero e nem devo esquecer-me de nenhum. Sem eles não seria possível atingir o nível de reflexão alcançado.

Ao Professor Msc. David Júnior de Souza Silva, orientador, por ter aceitado finalizar o trabalho, pelas sugestões, dedicação, colaboração e atenção no desenvolvimento das ideias.

Aos Professores Dr. Joseph Handerson e Dr^a Maria do Socorro Oliveira, avaliadores, pela atenção, dedicação e apoio na reta final deste trabalho.

Ao meu esposo Ronnie Santos, pelo amor incondicional, por me proporcionar a estrutura logística necessária aos meus estudos, por todo o apoio e incentivo quanto à realização dos meus e dos nossos objetivos, pelo amor ao *reggae*. Sem ele, não seria possível o aprofundamento no campo desta pesquisa.

E a todos os amigos e amigas que se fizeram presentes ao longo da minha vida acadêmica, pessoal e profissional. Meus mais profundos e sinceros agradecimentos!

RESUMO

Este artigo discorre sobre as festas de *reggae* e a formação de um circuito regueiro no município de Macapá-AP, destacando a origem do *reggae* na Jamaica, e posteriormente da migração do *reggae* do Maranhão para o Amapá. Discorrerá ainda sobre as festas de *reggae* na UNA, os programas de rádio, os diversos *DJ's* e integrantes de bandas que movimentaram (e movimentam) a cena *reggae* na cidade, além da opinião de alguns regueiros entrevistados. Foi necessário recorrer a dados bibliográficos para compreender as raízes desse fenômeno cultural que surgiu no Caribe, mais especificamente na Jamaica no final da década de 60 do século XX e seus diversos conceitos, bem como os principais elementos que o compõem. O foco da pesquisa são as relações sociais e culturais que surgiram através dos encontros festivos de pessoas que se identificam com o ritmo musical *reggae* e como essa identificação musical interfere na construção da identidade destas pessoas que fizeram e fazem parte da cena *reggae* “no meio do mundo”, levando até mesmo à disputas simbólicas entre alguns grupos regueiros organizados. Portanto, trata-se de entender o movimento *reggae* como fenômeno cultural capaz de produzir orientações coletivas, descrever a formação de um circuito de pessoas ligadas ao ritmo musical *reggae*, suas histórias de vida, de trabalho e de lazer. Realizamos uma densa e longa pesquisa de campo como observadora participante em eventos de *reggae* - incluindo as casas de muitos dos envolvidos ao movimento. Foram realizadas entrevistas com auxílio de gravador com integrantes do movimento e com simpatizantes desta cultura em geral.

Palavras-chave: Macapá, *Reggae*, festas, cultura popular, identidade cultural, migração.

ABSTRACT

This article discusses the reggae parties and the formation of a regueiro circuit in the city of Macapa-AP, highlighting the reggae originated in Jamaica and later migration of Maranhão reggae to Amapá. Will talk further about the reggae parties at UNA, radio programs, various DJ's and bands members who moved (and move) the reggae scene in the city, beyond the view of some respondents regueiros. It was no need for bibliographic data to understand the roots of this cultural phenomenon that emerged in the Caribbean, specifically in Jamaica in the late 60s of the twentieth century and its various concepts, as well as the main elements that compose it. The focus of the research are the social and cultural relations that have arisen through the festive gatherings of people who identify with the reggae musical rhythm and how this musical identification interferes with the construction of the identity of these people who have made and are part of the reggae scene "in the middle of world ", even leading to symbolic disputes between some organized regueiros groups. Therefore, it is to understand the reggae movement as a cultural phenomenon capable of producing collective orientations, describe the formation of a circuit of people connected to the music reggae rhythm, their life stories, work and leisure. We conducted a dense and long field research as a participant observer in reggae events - including the homes of many involved the movement. recorder assistance with interviews were conducted with the movement members and sympathizers of this culture in general.

Keywords: Macapa , Reggae , parties , popular culture, cultural identity, migration.

Apresentação

A ideia de escrever este trabalho de conclusão de curso sobre as festas de *reggae* em Macapá surgiu do meu interesse em desenvolver pesquisas na área de festas e cultura popular na Antropologia. Pois, pretendo continuar com esta temática - futuramente - em um programa de mestrado.

Desde criança, meu Pai colecionava discos de vinil de diversos artistas e gêneros musicais. Quando se cresce em um ambiente onde a música é algo cotidiano, é normal ser um adulto com gostos e ouvidos musicais aguçados, independentemente do estilo musical. Desde então, o *reggae* me acompanha.

No ano de 2007 entrei na graduação em Ciências Sociais na UNIFAP, e, na vida de uma universitária, é comum frequentar festas dentro da própria instituição e ampliar o círculo de amizades. Mas passei a frequentar eventos de *reggae* em Macapá exatamente no ano de 2008. Lembro-me bem que ia vez ou outra, no extinto quiosque “Norte e Nordeste”, na Praça Floriano Peixoto após as aulas na universidade, sempre em companhia de colegas de turma. Neste lugar, tocava-se *reggae* às sextas-feiras.

Além do “Norte e Nordeste”, frequentei o Trapiche *Reggae* Bar na orla do bairro Santa Inês¹. Vários *DJ's* tocavam e sempre havia shows de bandas de *reggae*, a maioria de Belém do Pará. Depois houve festas de *reggae* em outros locais não fixos.

Ia a estas festas para me divertir com colegas e amigos, beber, conversar e dançar. Afinal, um ser humano que estuda e/ou trabalha a semana inteira, busca se divertir e relaxar aos finais de semana. Dificilmente parei para observar ou estudar os *reggaes* durante o período em que frequentei apenas como diversão.

Sempre viajava para outros estados e tive a oportunidade de ver outras festas (não só de *reggae*) em cidades como Belém, Salvador e Curitiba. Observei (mesmo me divertindo) e percebi que cada local tem sua especificidade, que as pessoas se comportam e se vestem de maneiras diferentes, e isso reflete muito a cultura de cada lugar. Nosso país é grande não só em extensão, mas também em culturas diversas. Há cinco regiões e cada uma é exacerbadamente diferente uma da outra. Se compararmos a linguagem, o vestuário e a culinária de um morador do município de Oiapoque-AP com a de uma pessoa do Chuí-RS,

¹ A orla do bairro Santa Inês, atualmente, é um lugar às margens do rio Amazonas na frente da cidade de Macapá, onde existe um complexo de bares, restaurantes e casas noturnas. Também é porto de entrada e saída de transportes marítimos, além de ambiente propício para atividades físicas, contando com academia comunitária ao ar livre.

ter-se-á a verdadeira sensação de que estas duas pessoas não fazem parte de um mesmo País, já que seus costumes e culturas são extremamente diferentes.

Morei durante seis meses em Curitiba-PR onde trabalhei, estudei e tive a oportunidade de “sentir na pele” o verdadeiro choque cultural de uma nortista mudando radicalmente para o Sul do Brasil. Mas, como eu não trabalhava na área de Ciências Sociais, onde pretendo seguir carreira, decidi que estava na hora de voltar para Macapá, concluir a graduação e tentar seguir carreira na Antropologia. Duas semanas após o meu retorno, pensei e refleti sobre o que realmente queria estudar e fazer o trabalho de conclusão. E, após uma quinta-feira no mês de abril de 2013, no “Trapiche do Bondinho”, ao som de uma boa “pedra”², voltei para casa sabendo sobre o que eu realmente iria escrever: sobre o *reggae* em Macapá.

Comecei as pesquisas sobre a temática, busquei na internet assuntos e artigos científicos relacionados ao assunto no Brasil e fora dele. Há dissertações de mestrado sobre a temática na UFMA, UFBA e outras referências na UnB e UNICAMP. Livros publicados ainda são poucos. Os que adquiri tratam mais especificamente da parte musical. Mas mesmo com a escassez de referências teóricas acadêmicas sobre o *reggae*, após algumas leituras, construção do projeto e metas traçadas, iniciei o trabalho de campo também em abril de 2013. Voltei a frequentar lugares onde aconteciam as festas de *reggae*, comecei a conversar e a me relacionar com pessoas que frequentavam estes locais e passei a observar - de fato - o que acontecia. E, a cada conversa, a cada nota de campo, a cada imagem coletada, a cada nova pessoa que me foi apresentada no decorrer da pesquisa, meu interesse e minha paixão pelo *reggae* só aumentaram.

Uma festa tem vários significados. Tanto para quem promove, quanto para quem vai apenas para se divertir, matar certa curiosidade ou para conhecer pessoas. O que diferencia esses signos é o olhar de quem a observa. Claro que também há o lado negativo: o preconceito dos que desconhecem o assunto. Mas qual de nós está livre de noções pré-concebidas desde o momento em que nascemos até o último suspiro de vida? Não há como escapar, todos têm preconceito disto ou daquilo, e com o *reggae* não é diferente. *Reggae?* “Isso é coisa de maconheiro, música de preto, de pobre, de desocupado”. Estas são apenas algumas das pré-

² Termo utilizado pelos regueiros para designar alguns *reggaes* muito raros – ou antigos - ou muito apreciados por eles e que significa preciosidade: “é um sucesso das pistas” (ALBUQUERQUE, 1997, p. 151). E “é na radiola que toca *pedra*, a *pedrada*, o *murro*, a *varada*, a *pancada*, a *tijolada*, a *chicotada*, a *pedra de resposta*, a *pedra preciosa*, o *choque*, a *banda*, a *chinelada*; enfim, é nela que rola um *reggae* muito bom, envolvente, bonito”. (SANTOS, p. 9 e 10). (O grifo é meu).

noções que o ritmo originário da Jamaica ganhou ao longo de seus quase cinquenta anos de existência. “Em Macapá só tem *reggae*, é só o que cresce aqui agora, não tem mais opção”. Estas foram palavras que ouvi certa vez de uma moça sentada em frente ao Bar *Kingston Music* na orla do bairro Santa Inês³.

Sob um prisma sócio-antropológico, é um fenômeno a ser investigado também na capital Macapá⁴. E aqui estou a pesquisar as festas de *reggae*, os locais, as pessoas que fazem parte da cena, seus círculos familiares, sociais e de amizades. Aqui será contada a história do *reggae* em Macapá, da origem das festas na UNA⁵, dos programas de rádio, dos diversos *DJ's* e integrantes de bandas que movimentam a cena na cidade, além da opinião de alguns regueiros entrevistados. Sinto apenas não poder fazer com o que ouçam a minha seleção musical, as minhas “pedras” preferidas. Mas espero ao menos que vocês possam desfrutar de uma leitura agradável e acessível. Já que Bob Marley disse que “o *reggae* não é só para se ouvir, mas também para se sentir”.

O trabalho de campo

Falar da minha experiência com o trabalho de campo, sob o meu ponto de vista, é algo enriquecedor.

Inicialmente e superficialmente, comecei a ler sobre *reggae* em sites na internet. Após estas leituras sem base científica e em conversa com o Professor José Maria da Silva⁶, que havia chegado recentemente de um congresso em São Luís, fui presenteadada (o que me causou

³ Houve um certo *boom* das festas de *reggae* em Macapá entre os anos de 2012 e 2014. O motivo - creio eu - foi o fato de acontecerem *reggaes* no Trapiche do Bondinho – no complexo beira rio – e no Bar *Kingston Music* ao mesmo tempo. Com isto, a comunidade regueira de Macapá se alternava entre estes dois locais para curtirem o seu *reggae*.

⁴ Já existem pesquisas sobre o mesmo tema em outros Estados, como Maranhão e Bahia. Inclusive dissertações de mestrado e tese de doutorado, além de uma infinidade de artigos científicos sobre o *reggae* maranhense.

⁵ Sigla da União dos Negros do Amapá. “Trata-se de um amplo espaço localizado em um bairro que recebe o nome do personagem de maior expressão da tradição do marabaixo – Julião Ramos –, porém o bairro é mais conhecido como Laguinho. A sede da UNA ocupa o espaço de um quarteirão do bairro e foi construída no ano de 1997. Constitui-se de auditório, teatro de arena, escritório, sala para realização de cursos, biblioteca e um local que serve de alojamento, para cultos afros ou como vestiário nos dias de festa. Vez por outra realizam-se no local outros eventos, tais como *festas de reggae*, de pagode e de outros gêneros de música”. (SILVA, 2014, p. 5 e 6). E durante o mês de novembro, durante a Semana da Consciência Negra, ocorre o Encontro dos Tambores, onde várias comunidades afrodescendentes de todo o Estado do Amapá se reúnem em comemoração festiva grandiosa. (O grifo é meu).

⁶ Professor da Universidade Federal do Amapá. Graduado em Comunicação Social (Jornalismo) pela UFPA, Mestre e Doutor em Antropologia pela UnB. Autor do livro *O Espetáculo do Boi-Bumbá: folclore, turismo e as múltiplas alteridades em Parintins* e de diversos outros trabalhos sobre festas, rituais e cultura popular.

certo espanto pela feliz coincidência), por ele, com um exemplar do livro *Onde o reggae é a lei*, de Karla Freire. Esta foi a primeira fonte – confiável – de pesquisa.

A partir daí, já em campo, fui estreitando minhas relações com pessoas já conhecidas – geralmente do meio universitário – e outras ainda desconhecidas. Na época (2013), estavam no auge o “*Reggae do Bondinho*” e o “*Bar Kingston Music*”, lugares que frequentei exaustivamente. Observava o ritual festivo em si (antes, durante e depois), era a primeira a chegar e a última a sair. Mas havia certa dificuldade financeira de acompanhar todos os eventos. Então, mesmo de maneira “rústica”, comecei a entrevistar informalmente (como num “bate papo” descontraído) frequentadores – e posteriormente *DJ’s* – nestes dois locais (vale ressaltar que um era local público e outro privado). Minhas primeiras “curiosidades” era saber como eles começaram a “curtir” *reggae*, sobre quais estilos (ou gêneros) mais se identificavam, seus estados de origem e quais suas impressões das festas naqueles dois locais. Posteriormente, outras pessoas “mais relevantes” para este trabalho (sem menosprezar os demais regueiros que cruzaram meu caminho nestes três anos e que foram – e são - importantíssimos) foram-me sendo indicadas. Consequentemente, o “boato” de que uma “jornalista” – no caso eu – estava fazendo uma “reportagem” sobre o *reggae* em Macapá rapidamente espalhou-se. E, eles próprios, começaram a me procurar com o objetivo de ceder-me informações e também de ter algum tipo de “prestígio” com seus nomes registrados nesta pesquisa. Ora! Com interesse ou sem interesse, o fato é que a coleta dos dados foi tão profunda que até hoje tenho entrevistas não transcritas – ainda – e material suficiente para uma dissertação de mestrado (que é meu objetivo final). Ressalto que, pouco antes de iniciar no campo, em conversa entre amigos, tive a maravilhosa oportunidade de conhecer uma pessoa que foi integrante da primeira banda de *reggae* de Macapá, a Leões de Jah. É o guitarrista Chico Edson Graciano, mais conhecido como Chico da Porto, que é parte do nome da segunda banda criada aqui por ele, após sua saída da Leões, a extinta banda Porto *Reggae*. Encontro (também coincidência) que contribuiu de forma veemente e decisiva na escolha do objeto de pesquisa.

Já com certo conhecimento de quem eram as principais pessoas que ajudaram a construir a história do *reggae* no Amapá, algumas estratégias específicas foram adotadas. Pedia a eles que, sempre que houvesse algum evento na cidade, que me avisassem por telefone ou através de outros meios de comunicação, como mídias sociais e *email*. O que funcionou eficazmente na época. Uma das primeiras pessoas com quem “fiz amizade” foi o

Vovô do *Reggae*, que de imediato, me cedeu informações de muita relevância, as quais estão registradas em áudio e em transcrição literal em meus arquivos. Outros também muito importantes, foram: o *DJ* Dufnaldson, que me apresentou à integrantes de bandas regionais – que vinham fazer show – e me contou um pouco da realidade do que é ser – ou tentar ser – *DJ* em uma terra que não os reconhece profissionalmente, ao contrário do que ocorre no Maranhão; e Augusto Zulu, que concedeu-me entrevista em minha própria residência.

Um momento muito marcante – pessoalmente – foi o show da cantora Cearense Raquel Camelo, ocorrido em 10 de agosto de 2013, na sede da AERC. Foi exatamente neste dia que minha vida pessoal e acadêmica tomou novos rumos e, tive a oportunidade de “mergulhar de cabeça” no mundo do *reggae*. Através do Vovô do *Reggae*, conheci o *DJ* Ronnie Pedra, que esteve presente no show como expectador. Ao me apresentar e falar sobre minha pesquisa – da qual ele já tinha conhecimento através de outros *DJ's* – ele me relatou fatos até aquele momento, desconhecidos (ou omitidos). Conversamos, informalmente, por mais ou menos meia hora de tempo e foi ele o primeiro a me falar sobre Mestre Palmerim e o primeiro bar – o pioneiro – de *reggae* na cidade. Porque, até onde eu sabia, outro *DJ* havia se apresentado como “o pioneiro” e alguns regueiros concordavam com ele. Mas, controvérsias à parte, foi através de Ronnie Pedra que me aprofundi com os atores da cena *reggae* tucujú. Pois, dois meses após, em 10 de outubro de 2013, iniciamos um relacionamento amoroso, que hoje se tornou uma união estável. Mal sabia eu, que “sem querer e sem pensar”, a pesquisa de campo e o *reggae*, mudariam minha vida e minha maneira de enxergar o mundo, principalmente sobre a Antropologia. A partir de então, eu deixei de ser a “jornalista” e me tornei “esposa de *DJ*”. E, mesmo sabendo de meus interesses acadêmicos sobre as vidas deles – os regueiros -, me tornei de certa forma “invisível” aos seus olhos. O que facilitou tudo para mim. Evolui de “estranha” para “nativa” no mundo deles. Foi só aí que pude perceber a verdadeira realidade dos bastidores. E, muita coisa desconhecida e que só ficava entre eles, e que eu jamais saberia apenas indo às festas, foi também fazendo parte do “meu mundo”. Porém, ressalto que, mesmo me tornando uma “nativa” entre eles, nunca tive a intenção de ser uma “regueira”. Pode até ser que algum momento o *reggae* “tenha batido forte em meu peito”, mas “nunca tentei sentir o que o ‘nativo’ sente. Não acredito que um Antropólogo possa sentir o que o nativo sente. Tudo é uma questão interpretativa, tradução de tradução, sutis relações de poder entre inúmeros pontos de vista” (VIANNA, 1987, p. 9). E foi exatamente o que aconteceu comigo.

Tive a oportunidade de viajar ao município de Laranjal do Jarí em abril de 2014, a convite de Neguinho do *Reggae*. Em razão do grande número de imigrantes maranhenses que residem e trabalham lá, e também para ver a dinâmica do *reggae* naquela cidade. Com isto, tive a oportunidade de observar diferenças peculiares de um município para o outro e também para analisar melhor o objeto deste artigo. Foi uma semana bastante proveitosa, fiz algumas entrevistas com *DJ's* de radiolas⁷ e Neguinho e eu trocamos muitas ideias, haja vista que ele também está escrevendo um livro sobre o *reggae* no Amapá, mas sem fins acadêmicos.

De volta à Macapá, fui cada vez mais estreitando as relações com os regueiros daqui, fortalecendo amizades, frequentando suas casas e conhecendo suas famílias, participando de reuniões de movimentos organizados, de palestras, indo a shows e eventos. Tudo o que dizia respeito ao *reggae* eu buscava estar presente. Inclusive acompanhando-os através de redes sociais.

Foram dois anos de observação participante de forma ativa e mais um ano em campo (porém, em menor intensidade), fazendo análises, produção textual, procurando mais fontes de leitura e refletindo sobre minha “magnífica” primeira experiência antropológica urbana e complexa. Porque “enquanto o Antropólogo não puder ‘ver’ essa cultura em torno de si, ela lhe será de pouco conforto ou utilidade” já que ele é um “criador e tradutor de culturas, onde o objeto somente se torna visível através do choque cultural” (WAGNER, 1975).

⁷ Equipamentos com logística gigantesca, onde várias caixas de som são empilhadas umas sobre as outras. Surgiram no Maranhão, influenciados pelos *sound systems* (sistemas de som) da Jamaica e são semelhantes as aparelhagens de brega do Pará.

Introdução

Kingston, capital da Jamaica, fervia musicalmente no final dos anos 1960 do século XX. Adeptos da religião *Rastafári* entoavam cânticos e buscavam a *Jah* (Deus) em rituais que misturava *ganja* e interpretações bíblicas baseadas no antigo testamento. Nos guetos (bairros de lata) a pobreza, violência urbana, racismo e quase todos os tipos de desigualdade social imperavam. E, em meio a este cenário nasceu o *Reggae*. Um mistura de evolução rítmica folclórica local, letras de protestos contra a desigualdade social e racismo, e cânticos *rasta*. Mas, especificamente no ano de 1972, Robert Nesta Marley com sua banda *The Wailers* difundiram o ritmo para o mundo, ao lançarem o disco *Catch a Fire* (Queimando Tudo). Desde então, vários outros cantores famosos como Eric Clapton e Stevie Wonder incorporaram o *reggae* aos seus trabalhos.

O Brasil não poderia ficar de fora da grande novidade. Marley veio em 1981, prometendo voltar no ano seguinte para uma *turnê*, o que não aconteceu devido ao seu falecimento em 11 de maio. Porém, Gilberto Gil e outros artistas famosos já haviam sido seduzidos pelo ritmo jamaicano, ainda na década de 70.

Mas foi no estado do Maranhão, na “Jamaica Brasileira”, que ele fez uma pequena revolução - existem várias hipóteses para isso – e se tornou a referência no País. O Fato é que em todas as regiões brasileiras, o ritmo tomou formas peculiares e foi-se misturando a outros tipos musicais. Contudo, nas regiões Norte e Nordeste ele é mais intenso.

Com a transformação do ex Território Federal do Amapá em Estado (1988), houve grande expansão e uma intensa oferta de empregos e de oportunidades em concursos públicos, atraindo imigrantes de todas as regiões do País. Mas há uma presença predominantemente maranhense e paraense entre esses imigrantes. E no início da década de 1990, essas pessoas começaram a reunir-se para escutarem *reggae*, criando o que eu denomino neste trabalho de “Circuito Regueiro Amapaense”. Porém, o objeto de estudo se limita à capital Macapá.

Neste artigo, além da parte histórica do *reggae* na Jamaica e no Brasil, apresentarei o “Circuito Regueiro de Macapá”, passando pelos primeiros bares, locais de festas, o programa de rádio mais famoso e de maior duração no ar, as primeiras bandas (de forma superficial), pelo “*Reggae do Bondinho*” e a polêmica em torno de seu encerramento, e em outros locais. Falarei sobre os atores sociais que movimentam a cena: *DJ's*, integrantes de bandas, promotores de eventos e o público “regueiro” em geral. E sobre as disputas simbólicas e

ideológicas que giram em torno do “pioneirismo do *reggae* no Amapá”. Espero ser de grande valia o trabalho em questão.

A origem do *reggae* na Jamaica

Reggae é um ritmo musical originário da Jamaica, uma ilha do Caribe, em meados dos anos 1960 do século XX, resultado de uma evolução rítmica e musical, segundo Morias e Araújo (2008, p. 3) “de ritmos africanos, indígenas e europeus” como *calipso*, *mento*, *ska*, *rockstead*, *rhythm & blues*⁸, além das influências marcantes de hinos *rastafáris*⁹. E Silva (2010, p. 3) corrobora que:

Inspirado em interpretações bíblicas do Velho Testamento, o rastafarianismo constituiu-se numa alternativa de construção da nacionalidade para milhares de jovens jamaicanos, que viviam no desemprego e na marginalidade, especialmente a partir da industrialização da Jamaica, nos idos de 1950. Talvez por isso, desde o nascimento, o *reggae* tornou-se um movimento popular de grandes dimensões, refletindo, em suas letras, os anseios das populações de baixa renda e a identidade cultural dos oprimidos, que o adotaram como símbolo da expressão de suas angústias, o que atribuiu ao *reggae*, também, uma característica de música dos guetos. (SIC) (O grifo é meu).

⁸ Influenciados pelo calipso, ritmo de Trinidad e Tobago que dominou o Caribe por muitos anos e também pelas antigas canções folk inglesas, os jamaicanos foram misturando diversos ritmos até solidificar o mento - que é um tipo de música folclórica jamaicana - nos anos 50. (Vale ressaltar que o calipso original é completamente diferente do ritmo brasileiro que também leva o nome de calypso – com y -, um ritmo de música “brega” do Pará). O ska veio depois, influenciado pelo rhythm and blues, que se expandia em Miami e New Orleans, nos EUA. Mais dançante e acelerado, o ska possibilitou a efetivação de uma indústria fonográfica na Jamaica nos anos 1960. Nessa evolução, impulsionadas por novas misturas, surgiu o rocksteady, com letras que falavam de problemas sociais e políticos. O reggae viria logo depois desses movimentos musicais. (FREIRE, 2012, p. 43 apud WHITE, 1992/1999 e SILVA, 2007, p. 97).

⁹ Nome com que se apresenta uma nova religião nascida na Jamaica na década de 30 do século XX. Seus seguidores adoram Hailê Selassiê, imperador da Etiópia, de 1930 a 1974, e o consideram a manifestação ressurrecta de Yahshua (Jesus), sendo, portanto, a reencarnação de Jah (Jehovah ou Deus). Como tal manifestação, Selassie irá conduzir os eleitos à criação de um mundo perfeito, "Zion", o paraíso dos rastas. Buscando atingir o paraíso, os adeptos rejeitam a sociedade capitalista moderna, a qual chamam de "Babilônia", que é vista como impura e corrupta, um reino em rebelião aos ditames de Jah, o criador. Os rastas acreditam serem os verdadeiros filhos de Israel e seu objetivo primordial é o retorno à África. Não identificam o céu como o lugar do paraíso, acreditando em vez disso, que o paraíso fica na terra, invariavelmente na Etiópia. A filosofia rasta prega que os escolhidos por Jah são imortais, por isso, levam uma vida de eterna existência. A filosofia afrocentrista, a Bíblia, as ligações da Etiópia com Israel são também importantes fatores na composição da **filosofia dos rastafari**. O uso da maconha dentro do movimento tem um cunho espiritual, e ocorre geralmente em conjunto com o estudo da Bíblia. É considerado um sacramento dentro de sua religião, limpando o corpo, mente e é curador da alma, aproximando o crente de Jah. O nome da religião é uma junção de um título nobre etíope com o nome próprio do Imperador: Ras, na Etiópia, é um título de nobreza, dada a todo o nobre em âmbito regional (algo como "príncipe"); Haile Selassie, antes de ser o Imperador (Negusa Negast = rei dos reis, vindo de Negus = rei) utilizava o título "Ras", sendo o seu nome de batismo Tafari Makonnen; antes de ser coroado, o mesmo era chamado de Ras Tafari (príncipe Tafari). Na Jamaica, o nome acabou se tornando popular para a nova denominação religiosa, utilizado para se referir aos "seguidores do Ras Tafari" perdendo-se o seu significado original. Os rastas mantêm fortes objeções às alterações da figura do ser humano. Ou seja, seus adeptos não podem fazer tatuagens ou cortar e escovar o cabelo. É por isso que o rastafarianismo é tão associado às tranças em forma de dreadlocks. Esse visual é encarado como uma espécie de voto feito pelo recém-convertido, mas não é obrigatório. Disponível em: <http://www.infoescola.com/cultura/rastafarianismo/> e <http://mundoestranho.abril.com.br/materia/o-que-e-a-religiao-rastafari/>. Acesso em 05/06/2016.

É a música que ecoa da população negra, de baixa renda, dos desempregados, dos sem teto, dos oprimidos e discriminados. Seu nascimento remete mais especificamente aos bairros de lata da capital *Kingston*¹⁰, mas não há um significado literal e específico para a palavra *reggae*. Em sua dissertação de mestrado, Freire¹¹ (2012, p. 39) fala que “é provável que o nome seja originado da mistura entre as línguas afrocaribenhas e inglesa, presentes na Jamaica. Assim, ela significa revolta ou, ainda, desigualdade”. Porém, esta hipótese nunca foi confirmada. Em outra dissertação, intitulada *Da terra das primaveras à ilha do amor*, Silva (1992)¹² concluiu que “essa palavra apareceu pela primeira vez em 1967, em um disco do grupo *Toots and Maytals*, denominado ‘*Do The Reggay*’. O próprio Toots Hibbert, vocalista do grupo, definiu-a como uma coisa que vem do povo dos guetos”. (O grifo é meu). Mas para Bahiana *apud* Cardoso¹³ (2004, p. 11):

Inicialmente grafado *reggay*, seu nome é criptográfico – Bob Marley acreditava que queria dizer “música dos reis”, mas os músicos mais velhos se lembram de que era uma gíria muito comum em Trench Town, o gueto principal de Kingston, capital da Jamaica – queria dizer “coisa de rua”, sem “importância” ou “íntima”. (O grifo é meu)

Juntando tudo isso (revolta, desigualdade, algo que vem do povo dos guetos, música dos reis, coisa de rua, sem importância ou íntima), eu mesma já li em alguns sites de internet, que a palavra pode ser associada também a roupas rasgadas. Mas, o fato, é que não há um consenso ou mesmo confirmação da origem do nome.

¹⁰ “Nome masculino; aglomerado de casas pobres, sem infraestruturas fundamentais, normalmente habitado por pessoas carentes e localizado na periferia de centros urbanos”. Disponível em: http://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/bairro_de_lata/. Acesso em 04/06/2016. Ou ainda, “é a designação que se dá em Portugal a um bairro pobre, de construção precária (edifícios improvisados de madeira ou chapa de metal ou tendas) ou degradada, geralmente sem água canalizada, saneamento, eletricidade ou outras infraestruturas, situado quase sempre na periferia de cidades de média e grande dimensão. Em Angola a mesma realidade é conhecida como *musseque* e no Brasil como favela”. Disponível em: <http://chkbairrosdelata.blogspot.com.br/2008/05/bairros-de-lata.html/>. Acesso em 04/06/2016.

¹¹ Karla Freire é Jornalista e Mestre em Ciências Sociais pela UFMA com a dissertação de mestrado *Que reggae é esse que jamaicanizou a “Atenas Brasileira”?*, apresentada ao PPGCS da UFMA em 2010; que posteriormente foi publicada como livro sob o título de *Onde o reggae é a lei - São Luís: Jamaica Brasileira?*, em 2012.

¹² Carlos Benedito Rodrigues da Silva é Antropólogo e Professor da UFMA, autor da dissertação de mestrado *Da terra das primaveras à ilha do amor: reggae, lazer e identidade cultural*, apresentada ao departamento de Ciências Sociais do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP em 24/06/1992. Posteriormente foi publicada em forma de livro.

¹³ Empresário paulistano considerado o mais completo colecionador de *reggae* no Brasil. Fundador e presidente do fã clube Bob Marley de São Paulo, colabora em rádios, revistas e jornais e promove eventos culturais sobre Bob e *reggae*. Pesquisou e organizou o livro *Bob Marley Por ele mesmo* no ano de 2004. (CARDOSO, 2011, contracapa).

O berço é a Jamaica e o responsável por apresentar ao mundo o ritmo foi Robert Nesta Marley, cantor jamaicano e líder da banda *The Wailers*¹⁴ e que faleceu em 11 de maio de 1981, com câncer na cabeça. Em suas canções, Bob (como era popularmente conhecido), falou de assuntos como política, discriminação racial, desigualdade social e amor. Segundo Silva (2010, p. 4):

Secundado por nomes não menos famosos como Jimmy Cliff e Peter Tosh, o sucesso internacional dos Wailers serviu para abrir as portas para vários cantores e compositores jamaicanos, que começaram a excursionar e editar seus discos fora do país. Com um acentuado caráter de contestação política, o reggae marca uma revolução na música negra em todo o mundo, desencadeando um processo de trocas e experimentações em busca de novos ritmos, originando linguagens diferenciadas e conquistando novos espaços. Sem deixar, porém, de beber sua essência na fonte básica que o originou, os guetos oprimidos, mas altamente criativos, do Caribe.

Em um misto de música religiosa, protestos de combate à discriminação racial e desigualdade social, e evolução de ritmos musicais folclóricos jamaicanos, nasceu o *reggae*. Que hoje está presente em todas as partes do planeta, com suas peculiaridades e desdobramentos culturais e contemporâneos.

O reggae chega ao Brasil e contagia a “Jamaica Brasileira”

A efervescência do *reggae* foi na década de 1970 do século XX e nessa mesma década ele chegou às terras brasileiras se instalando em todas as regiões. Segundo Cardoso (1997, p. 11):

O Brasil, logo o Brasil, este gigante verde e amarelo com clima tropical, não poderia ficar impune às armadilhas do reggae, que lentamente, como o próprio ritmo, foi adentrando nos quatro cantos do País, engatinhando no finalzinho dos anos 70, começando a andar nos anos 80 e finalmente correndo leve e solto nesta década de 90.

Houve uma gradação do ritmo em nosso País, e ganhou força nas décadas de 1980 e 1990 - especialmente nas regiões Norte, Nordeste e Sudeste -, fato que se deu porque muitos artistas e bandas de renome nacional o incorporaram em seus trabalhos. De acordo com Albuquerque (1997, p. 149):

¹⁴ Foi uma banda de reggae muito famosa na década de 1970, formada por Bunny Wailer, Peter Tosh e Bob Marley. Segundo o dicionário de inglês, “*wailing wailers*” significa pranto, lamentação, lamúria. Disponível em: <http://www.linguee.com.br/ingles-portugues/traducao/wailing+wailers.html>. Acesso em 03/06/2016.

Na virada da década de 70, Gilberto Gil liderou as tropas com “Não Chores Mais”, sua versão de “No Woman No Cry” (de Marley), e também com uma série de shows pelo Brasil ao lado de Jimmy Cliff, em 1980 (um deles, no estádio da fonte nova, para 50 mil pessoas). Graças a Gil e seu visual naquela época, com *dreadlocks*/trancinhas que viraram discussão de bar, o *reggae* foi apresentado à família brasileira. Mas só na segunda metade dos anos 80 é que a coisa pegaria fogo. Edson Gomes – com os discos *Reggae Resistência e Recôncavo* – manteve acesa a tradição do som clássico de Tosh, Marley e Cia. Mas os verdadeiros incendiários foram blocos afro como Olodum, Ara Ketu e Muzenza, responsáveis por uma das mais fantásticas transformações sofridas pelo *reggae* fora da Jamaica. Nas ladeiras de Salvador, com essa turma à frente, *beats* e ideologias se fundiram e geraram o samba-*reggae*, a música da Jamaica descendo as ladeiras do Pelourinho.

Vale ressaltar que o ritmo ganhou certas peculiaridades em Estados como, Bahia, Ceará, Pará, São Paulo e Santa Catarina. Porém, virou fenômeno cultural no Maranhão. Existem algumas hipóteses de como se deu todo este marco cultural. É o que Freire (2014, p. 36 e 37) explica:

Não se sabe ao certo como o *reggae* chegou ao Maranhão. É provável que os primeiros discos tenham sido trazidos na década de 1970 por Marinheiros vindos da Guiana Francesa. Sem dinheiro, usavam os vinhos como moeda de troca por comida e bebida ou com as prostitutas no Porto do Itaqui em São Luís. É possível ainda que o *Dj Riba Macedo* tenha sido o primeiro a tocar o ritmo jamaicano nas festas da capital na mesma década. Ele procurava “música estrangeira lenta” para o público dançar junto em suas festas de lambada, merengue e salsa, quando comprou os primeiros vinhos de *reggae* no Pará. Há ainda uma terceira hipótese: o ritmo teria chegado através das ondas curtas das rádios amadoras, que captavam sinais de diversas regiões das Américas, incluindo o Caribe. As opções não se excluem e, por isso, é plausível que os acontecimentos tenham sido concomitantes. Independentemente do caminho, o *reggae* fez uma pequena revolução no estado desde sua chegada: a transformação de Atenas em Jamaica.

Por isso, o Maranhão tornou-se a principal referência em *reggae* no Brasil, haja vista que, é um fenômeno cultural, produto turístico e de lazer massificado pela mídia e, diferentemente do caráter social e político da Jamaica nos anos 1970, a tornou uma cultura hibridizada¹⁵.

Pseudônimos como “Jamaica Brasileira” e “Ilha do Amor”¹⁶ o tornam muito conhecido nacional e internacionalmente. Conclui-se, então, que grande parcela dos maranhenses goste de *reggae* e levem essa paixão para onde forem.

¹⁵ Processo de fragmentação e de trocas identitárias que gera visões de mundo; algo que ultrapassa a perspectiva nacionalista e oferece conceitos situados entre o local e o global, gerando relativização. É quando o local de origem de determinada cultura já não importa tanto, mas sim os entre lugares. É o resultado positivo do choque cultural. FREIRE (2012, p 39 e 40).

¹⁶ Naquela época, a capital do Maranhão carregava o apelido de “Atenas Brasileira”, pela evocação de um passado glorioso, de grandes nomes da literatura, artes e ciências, encarnado por jovens filhos de comerciantes e

Macapá: capital do Estado do Amapá e “Cidade do Meio do Mundo”

Macapá é a capital do estado do Amapá, no extremo norte do Brasil, sendo o principal centro econômico, cultural e político deste estado, e não possui interligação por rodovia a outras capitais, somente por vias aéreas e marítimas através do rio Amazonas, que também banha a cidade. É a única capital cortada pela linha imaginária do Equador e 60% da população do estado está na capital - 456.171 habitantes aproximadamente, de um total de 560 mil em todo estado - sendo o 51º município mais populoso do Brasil e o quinto da Região Norte (IBGE, 2015).

O nome é de origem tupi, como uma variação de *macapaba*, (que significa lugar de muitas bacabas, uma palmeira nativa da região amazônica). Antes, o primeiro nome concedido oficialmente às terras da cidade foi *Adelantado de Nueva Andaluzia*, em 1544, por Carlos V. de Espanha, numa concessão a Francisco de Orellana, navegador espanhol que esteve na região. Sua história se prende à defesa e à fortificação das fronteiras do Brasil Colônia, quando estabelecido um destacamento militar, criado em 1738. Posteriormente, na Praça São Sebastião (atual Praça Veiga Cabral), a 4 de fevereiro de 1758, foi levantado o Pelourinho, na presença do Capitão General do Estado do Grão-Pará, Francisco Xavier de Mendonça Furtado, fundando a Vila de São José de Macapá. A partir de então, foram surgindo edificações, até hoje preservadas, que constituem em verdadeiro patrimônio cultural, como a Fortaleza de São José de Macapá (uma das sete maravilhas brasileiras), a antiga Intendência de Macapá (hoje em dia é o Museu Histórico Joaquim Caetano da Silva), a Igreja de São José de Macapá (que é um marco histórico, cuja construção foi iniciada em 1752, seis anos antes da criação oficial da Vila de São José de Macapá), a Escola de 1º Grau Barão do Rio Branco (foi a primeira escola em alvenaria de Macapá, tendo sido inaugurada em 13 de setembro de 1946, pelo governo do Território Federal do Amapá na gestão do capitão Janary Nunes). Outros prédios, como o antigo Fórum, o Mercado Central, o Hospital de Especialidades e a Maternidade Mãe Luzia também fazem parte de antigas

produtores agrícolas, que retornavam de seus estudos na Europa trazendo os costumes e a cultura letrada do velho continente. Assim, a alcunha foi sustentada com orgulho por gerações de intelectuais maranhenses [...], no entanto, um “incômodo” aparece quando a cidade passa a ganhar destaque na mídia local e nacional não mais associada às origens europeias, mas a uma Jamaica negra e pobre. E o responsável por essa mudança é o *reggae*. FREIRE (2014, p. 37).

construções das décadas de 1940, 50 e 60. E o não menos importante Trapiche Eliezer Levy, o qual merece destaque neste trabalho, mais a frente.

Dentre os principais pontos turísticos, outro que merece atenção é o monumento Marco Zero do Equador. Nele há um relógio do sol para marcar o local onde a linha imaginária do Equador divide a Terra em dois hemisférios (norte e sul). A cidade tem o privilégio de assistir ao fenômeno do Equinócio, uma manifestação em que os raios do sol, no seu movimento aparente, incidem diretamente sobre a linha do Equador. Nesse período, os dias e as noites têm a mesma duração em todo o planeta. A ocorrência desse fenômeno se dá em dois momentos: em março, conhecido como equinócio da primavera, e em setembro, chamado de equinócio de outono. Devido a isto, a capital também ganhou o pseudônimo de “cidade do meio do mundo”. O monumento possui no seu terraço um espaço para shows, além de salão para exposições, bar e lanchonete e lojas para venda de produtos locais. Está entre os pontos turísticos mais conhecidos de Macapá.

Da Jamaica para o “Meio do Mundo”: o *reggae* desembarca no Amapá

Durante as décadas de 1980 e 90 do século XX, o estado do Amapá começou a crescer demasiadamente e muitos imigrantes vieram em busca de melhores condições de vida. É o que nos fala Silva (2014, p. 2):

A partir da implantação do estado do Amapá no início dos anos 1990 e o crescimento populacional do estado, especialmente da capital (Macapá), com a entrada de migrantes de todos estados do país e mais acentuadamente do Pará e de alguns estados do Nordeste, com destaque para o estado do Maranhão [...] até o final da década de 1980, boa parte da população que migrava para o Amapá era oriunda do estado do Pará – especialmente das ilhas e cidades mais próximas – com um menor índice de imigrantes oriundos dos estados do Nordeste. Com a implantação da estrutura política e administrativa do estado – e uma sistemática oferta de empregos através de concursos públicos – e das áreas de livre comércio de Macapá e Santana houve um acelerado crescimento da migração em direção ao estado, em busca de oportunidades de trabalho. Boa parte dessa migração passou a ser dos estados nordestinos, sendo majoritariamente do Maranhão. (O grifo é meu).

Com o estado em crescimento – e desenvolvimento – foi natural que novas formas de sociabilidade se configurassem, e na parte cultural e identitária não foi diferente. Estes imigrantes trouxeram costumes de seus estados de origem. A maior parte deles vindos do Pará e do Maranhão, onde a música *reggae* faz parte de suas vidas. Ainda segundo Silva (2014, p.

2), “atualmente existem muitos núcleos populacionais distribuídos em diferentes municípios do Amapá, constituídos de pessoas oriundas do Maranhão”. Laranjal do Jarí e Porto Grande são os municípios que mais concentram maranhenses. Então, através destas redes migratórias é que o ritmo caribenho chegou à “cidade do meio do mundo”, criando o que eu denomino de “circuito regueiro amapaense”.

O circuito regueiro de Macapá: os primeiros bares

Os apreciadores do *reggae* em Macapá, com o passar dos anos, passaram por muitos locais - ou pontos de encontros – criando o “circuito regueiro de Macapá”, fenômeno que iniciou-se na década de 1990 do século XX através da intensa imigração de Maranhenses e Paraenses para o Amapá. É sobre o que discorrerei e descreverei a partir de agora.

O primeiro local foi o bar do Mestre de capoeira Holcimar Palmerim. O **Rasta Man Bar** ficava localizado na antiga Rua Nações Unidas (José Tupinambá de Almeida, atualmente), no bairro do Laguinho, na própria residência do Mestre Palmerim. Segundo pessoas ligadas ao meio e que chegaram a conhecer este local, os frequentadores não dançavam, iam apenas para ouvir *reggae*, conversar, consumir bebidas alcoólicas e se encontrar, em sua maioria sendo imigrantes do Maranhão. O bar tratava-se de um “boteco”, um ponto de encontro dos amantes do *reggae* em Macapá. Devido à isso, subentende-se o porquê dos frequentadores não tentarem promover nenhum tipo de festa dançante. Mestre Palmerim, atualmente reside no município de Calçoene e não faz mais parte da cena *reggae* da cidade e nem do estado. Segundo os próprios ex-proprietários do bar, Holcimar e seu irmão Valdir, tudo começou no final do ano de 1993. Em 1994, com a Copa do Mundo de Futebol – ano do tetracampeonato brasileiro – o bar contou com mais este atrativo para conquistar clientes. Uma banda foi formada para tocar exclusivamente no bar, era a Tribo do Norte, composta pelos músicos: Tom Mil, Roberto Barilow, Nena e Ney. Os instrumentos pertenciam à outra banda denominada Os Sem Nomes. A Tribo do Norte ensaiava em frente à Faculdade Seama, apresentava-se em shows programados e a casa lotava. O Cantor amapaense Osmar Junior também fez uma participação especial por lá. O músico Dylan Rocha, vocalista da banda de *reggae* amapaense Mano *Roots*, relatou que a imagem do

Mestre - que usou *dreadlocks*¹⁷ na época - remetia muito à do cantor Bob Marley, do qual ele era muito fã. Justamente por isso, a maioria dos *reggae*s que tocavam, eram de Bob, Peter Tosh e Jimmy Cliff. Cantores jamaicanos e que fazem parte das raízes do *reggae*, o chamado *reggae roots*¹⁸.

Funcionava todos os dias das 10h00min à 01h00min, de segunda a sexta e aos finais de semana chegava a funcionar até as 04h00min h. Enquanto Valdir tomava conta da parte administrativa, Mestre Palmerim era quem mais lidava com o público diretamente, sendo que muitos frequentadores eram conhecidos dos grupos de capoeira e também maranhenses.

O interessante que quando chegava um cliente que não conhecia a filosofia do bar, pedia um ritmo diferente, nós explicávamos e só então o cliente se apercebia, não somente da música como tudo que envolvia o ambiente, visto que tinha uma decoração voltada para o tema. Muitos gostavam e até voltavam, outros obviamente que não. (Entrevista pessoal por email com Valdir Palmerim).

Ele ressalta que, a inflação monetária da época, foi um dos motivos que levou ao fechamento do bar, que foi fundado baseado totalmente na filosofia *reggae*, segundo ele. Eles foram sócios, mas Valdir casou-se e posteriormente deixou somente o Mestre tomando conta e que funcionou por cerca de mais um ano até o seu encerramento no ano de 1997.

Após o fechamento do Rasta Man Bar, houve um novo ponto de encontro: o **African Bar**, que ficava localizado na Av. Independência no bairro central, próximo à Praça Beira Rio¹⁹. Um dos sócios proprietários foi o DJ Smith Pedra, e que segundo ele, pessoas ligadas à cena *reggae* de Macapá – do passado e da atualidade -, chegaram a frequentar estes dois estabelecimentos.

¹⁷ Penteado “oficial” rastafári, uma espécie de trança natural formada por cabelos crespos deixados à vontade. (GASPERIN, 2004, p. 81).

¹⁸ Diz-se do *reggae* que preserva as características de período inicial do estilo, de 1968 até a metade de década de 70. Atualmente, o conceito foi ampliado e serve também para qualquer *reggae* que não utilize recursos eletrônicos. (GASPERIN, 2004, p. 81).

¹⁹ Assim como a orla do Santa Inês, também se trata de um complexo com bares, restaurantes, casa de artesanato, hotéis; e fazem parte ainda, o Trapiche Eliézer Levy, a Praça do Coco e o Parque do Forte. É um local de intenso fluxo de pessoas, principalmente aos finais de semana. Localizado às margens do Rio Amazonas na frente da cidade de Macapá.

UNA: as primeiras festas de *reggae* em Macapá

No ano de 1998, o ex *DJ* Augusto Zulu e o professor Paulo Axé, através do movimento de luta racial MOCAMBO, começaram a utilizar o espaço da UNA para promoverem festas de *reggae* e também para encontros de um grupo de capoeira chamado “Festa de Angoleiros”. Ao iniciarem a promoção das festas, foram conhecendo outras pessoas que também fizeram – e fazem - parte de toda essa construção histórica e sociocultural do *reggae* em Macapá. São os: **DJ's: Ronnie Pedra** (paraense), **Coelho Roots, Smith Pedra e Vovô do Reggae** (maranhenses). Em entrevista concedida, Zulu relata que, no início, os frequentadores iam por curiosidade, para ver quem estava promovendo aquelas festas. O tempo foi passando, o público aumentou e atraíram novos adeptos. Nesta época, a sede estava abandonada e havia muitas críticas sobre o abandono do local. O Sr. José Maria, que era o presidente da sede e amigo do professor Paulo, resolveu ceder o espaço do auditório para que eles fizessem um grupo de capoeira. Esta foi uma alternativa de contribuir com a ocupação de um espaço que estava ocioso e abandonado, e para que se desse uma resposta à sociedade sobre as críticas que estavam sendo feitas. O nome do grupo de capoeira era “Festa de Angoleiros”. Além dele, havia também um grupo de dança afro que se chamava “Grupo Ilê Dara”.

Iniciaram os trabalhos do grupo de capoeira e de dança, o professor Paulo deu a ideia para que Zulu, que trabalhou com *reggae* durante muito tempo em Belém - PA para promoverem algumas festas de *reggae* dentro do espaço da UNA. O ex *DJ* passou a utilizar uma aparelhagem denominada Stúdio A que pertencia ao senhor Joaquim Ramos, filho de Julião Ramos (que emprestou o nome para o bairro do Laguinho). Joaquim, hoje falecido, era diretor de programação da Rádio Difusora de Macapá e tinha essa aparelhagem²⁰ que era muito conhecida na cidade. Zulu, que era amigo dele e ligado ao movimento negro conta que “bastava uma coluna, um paredão daquele imenso, a gente colocava em cima, ocupava todo

²⁰ Empresas que se identificam pela utilização de suntuosos aparatos eletrônico-sonoros e diferenciadas pelo “estilo” de festas a que se propõem, pelo público que atraem e por suas dimensões e feições diversas. Ou ainda, empresas de sonorização voltadas especialmente para a realização de festas de brega. Normalmente de propriedade familiar [...] as aparelhagens passam de pai para filho. Da mesma forma, suas diversas funções de gerenciamento são divididas entre os membros masculinos do núcleo familiar. [...] no sentido estrito, a aparelhagem é o equipamento sonoro composto de uma unidade de controle e seu operador (o DJ), que possibilita o uso de diversos recursos e alta qualidade na emissão musical, e suas caixas de som, que comportam diversos alto-falantes e *tweeters*, agrupados no formato de colunas de 3 a 5 metros de altura, aproximadamente. (LIMA, 2008, p. 9 e 20 apud COSTA, 2006, p. 95).

aquele palco de ponta-a-ponta de dentro do auditório da UNA e comecei então a fazer festa de *reggae* lá dentro”.

Mas, neste período era apenas um ritmo que tocava nas rádios poucas vezes ou se limitava ao gosto de alguns que escutavam em casa. Não havia festas, não havia aceitação por parte dos amapaenses, entrada em boates, em clubes. E foi exatamente quando as festas começaram a acontecer na UNA.

A divulgação dos eventos era feita principalmente através de faixas em tecidos de pano pintadas com pincel e tinta ou em sacas plásticas conhecidas como ráfia. Elas eram penduradas em postes, que segundo Zulu, em 05 de julho de 2013:

“Eu espalhava 20 faixas na cidade da zona norte até na frente da UNIFAP. E aí, com o tempo, dois ou três meses essas faixas começaram a ser vistas por maranhenses, por esses paraenses, por essas pessoas que gostavam de *reggae*, que gostavam muito de *reggae*, mas não tinham lugar para se divertir”. (SIC)

Através da divulgação, muitos ficaram curiosos para saber quem estava promovendo estas festas e também para avaliar a qualidade do som, se realmente servia como espaço para diversão. Desde então, Zulu passou a conhecer pessoas e foi criando círculos de amizade. Esses imigrantes em sua maioria do Pará e do Maranhão começaram a lotar as festas e tornaram-se frequentadores assíduos. Zulu destaca algumas destas pessoas:

“Fui conhecendo pessoas, entre aqui vou destacar algumas que posteriormente trabalharam comigo, que posteriormente tornaram-se *DJ's*, do meu programa, tocando para mim, tocando comigo. Enfim! entre essas pessoas eu vou destacar aqui: o *DJ Smith Pedra*, soldado da polícia militar, o *DJ Coelho Roots* também maranhense, o **Vovô do *reggae* também, Seu Elias**, como amante da cultura também passou a me dar força divulgando [...]. Eu conhecia todo mundo, mas pessoas que realmente se engajaram foram essas, o resto era tudo frequentador [...]. Depois de algum tempo, de alguns anos vim conhecer **Ronnie Pedra**, paraense. Ele era *DJ* de *reggae* em Belém, [...] e convidei ele também pra somar conosco”.

Os *DJ's* possuíam alguns materiais com música *reggae*, como discos de vinil, fitas K7 e CD's. Fazendo *reggae* dentro da UNA, foi lançada uma campanha para aumentar o acervo de material musical. Esta foi uma forma inteligente que Zulu encontrou de socializar mais músicas e também para manter a promoção das festas. Ele pedia aos frequentadores que tivessem material de *reggae* em casa, que levassem para os *DJ's* tocar nas festas, sendo devolvidos ao final de cada baile. Além disso, alguns frequentadores doavam o material que possuíam aos *DJ's*: “olha Zulu, isso aqui é meu, mas eu vou te dar porque eu sei que isso aqui

é pra causa do movimento *reggae*. Aí eu pedia autorização pra copiar aquele material e fui juntando material até conseguir ter um arquivo bacana”. Dois anos após o início dos *reggae*s na UNA, veio à estreia do programa de rádio Tribus do *Reggae*.

Programa de rádio “Tribus do *Reggae*”: laboratório de *DJ*'s em Macapá

Em 10 de setembro de 2000, entrou no ar o programa de rádio **Tribus do Reggae**, comandado por Augusto Zulu e *DJ*'s convidados. Ficou 10 anos no ar e serviu de laboratório para muitos *DJ*'s que até hoje estão na cena *reggae* amapaense.

Foi o programa mais conhecido e de maior duração nas rádios amapaense. A convite do locutor Armstrong, filho do falecido mestre Sacaca²¹, Zulu idealizou e começou a fazer este programa de rádio, que além de tocar sequências de *reggae*²², também ajudava a contar a história do ritmo musical. Segundo Armstrong “o *reggae* é bem vindo aqui por nós termos uma proximidade com a Guiana Francesa, e termos pessoas que gostam da cultura que vem do Caribe”. Juntamente com a locutora Lígia Mônica, fizeram o convite a Zulu e ofereceram um espaço para o programa na Rádio Difusora de Macapá. Ele pensou, avaliou a proposta, juntou à sua experiência fazendo *reggae* na rádio Raulland FM e na Marajoara AM em Belém do Pará. Viu o projeto do programa a longo prazo.

E em 10 de setembro de 2000, o programa entrou no ar, arraigando e sedimentando a cultura *reggae* no Amapá, porque Zulu falava não só para todo Estado do Amapá, mas tinha ouvintes na Guiana Francesa, no Suriname, no sul do Maranhão, em Icoaraci, em Soure (municípios do Pará). Até na Finlândia, na Nova Zelândia e na Suíça, onde nas ondas tropicais ela alcançava. Esse programa foi uma ferramenta importante naquela época, onde o

²¹ Foi um mestre da cultura popular amapaense, nascido em 21 de agosto de 1926. Menino inteligente e curioso, por isso recebeu o apelido de “Sacaca”, que quer dizer “**um grande conhecedor da floresta**”. Batizado como Raimundo dos Santos Souza, negro, morador do bairro do laguinho, profundo conhecedor das plantas, das raízes e ervas da nossa floresta amazônica. Foi um pioneiro macapaense, contador de histórias, de uma memória incrível. Suas garrafadas (mistura de várias plantas) eram famosas, inclusive foi motivo para várias reportagens. E era bastante procurado pela população para a cura de diversas doenças. Também foi um folião nato e por muitos anos, carregou o título de Rei Momo do carnaval amapaense. Nunca frequentou uma academia ou curso superior de biologia, mas deixou três obras que falam, da A à Z a respeito das plantas que curam. Faleceu em 1999 e como homenagem, seu nome foi registrado no “Museu Sacaca do desenvolvimento sustentável”. (Disponível em: <http://nossosmestres.blogspot.com.br/2012/02/mestre-sacaca-das-plantas-raizes-e.html/> e em <http://porta-retrato-ap.blogspot.com.br/2010/09/pioneiros-de-macapa-mestre-sacaca.html/>. Acesso em 07/06/2016).

²² É quando o *DJ* toca na vários *reggae*s de um mesmo estilo, cantor ou banda.

reggae praticamente inexistia aqui e se limitava ao gosto de algumas pessoas que o escutavam em casa. O nome dado ao programa foi em alusão à banda Tribo de Jah do Maranhão, da qual Zulu era “fanático”. Ainda segundo ele, o programa serviu de laboratório para muitas pessoas que são ligadas ao *reggae* atualmente no Amapá. Em uma das vezes em que a banda Tribo de Jah veio ao Amapá para se apresentar em um show, o vocalista Fauzy Beydon participou do programa apresentando-se juntamente com os *DJ's*. E através da pesquisa de campo, tive acesso à gravação de uma parte do áudio deste programa²³.

Entres os anos 2005 e 2006, Zulu conheceu um ouvinte que ligava para o programa, dizia que frequentava as festas na UNA e que queria conhecê-lo. Certo dia, ele foi até a rádio difusora para conhecer os *dj's* do programa. Seu nome é Edielson, mais conhecido como ***dj Patcheco Roots***. Este tinha muita vontade de ver a cultura *reggae* crescer no estado. Foi militante de movimento de *reggae* em Belém-PA, e após essa ida à rádio difusora, recebeu convite para também fazer parte do programa. Zulu conta que:

[...] Dentro do programa Tribus do *Reggae* que durou 10 anos, [...] foi um verdadeiro laboratório, porque lá eu pude identificar quem [...] verdadeiramente gostava do *reggae* e quem só tirava onda de ser regueiro ou brincava com *reggae*. Como o Smith já era meu *DJ* lá na festa e o Coelho, eu convidei eles. O Ronnie só chegou depois. Eu convidei eles dois pra virem ser meus *DJ's* também no programa “Tribus do *Reggae*” e veio o Smith, um ano depois veio o Coelho, e só três ou quatro anos depois veio o Ronnie também. O Ronnie passou bem pouquinho tempo Enfim! E lá deu pra ver. O Smith tinha uma dicção muito boa, tinha bastante experiência e foi um cara assim que me ajudou bastante, o Coelho também me ajudou muito e outras pessoas passaram por mim. E só depois, 2005 creio eu, que foi quando o Patcheco eu convidei ele pra vir somar comigo[...]. (SIC).

Mas antes do convite feito ao *DJ* Patcheco, a ***DJ Samarina*** já havia sido convidada. “Era interessante colocar uma voz feminina no rádio além das vozes masculinas porque o programa tinha uma aceitação imensa”, recorda-se Zulu. E ela passou a fazer parte do programa. Havia estudado Língua Inglesa e “foi uma casadinha perfeita”, sendo batizada por Zulu como Princesinha do Reggae. Quando ela não entrava no ar, alguns ouvintes ligavam para o programa pedindo a sua presença. Depois dela, Patcheco Roots também se tornou *DJ* do programa:

[...] Foi o cara que levou até o final, foi um cara que eu vi um crescimento assim absurdo, foi um cara assim, que me mostrou uma vontade muito grande de fazer

²³ Material cedido por Chico Edson Graciano, ex integrante da primeira banda de *reggae* do Amapá: a Leões de Jah, durante entrevista concedida em abril de 2014, em viagem ao município de Laranjal do Jarí-AP.

reggae e um cara assim que, se eu reclamava de gastar dinheiro com o *reggae*, esse gastou, gastava assim sem reclamar mesmo, entendeu? Eu ficava avaliando, porque você tem que pensar como empresa, você tem que ver retorno, mas o Patcheco não se importava com isso e enfim. É um cara que tem um gás muito grande. (SIC).

O programa ficou no ar, de 2000 a 2010 e saiu do ar por questões políticas partidárias, já que a Rádio Difusora pertence ao governo do estado do Amapá. E também Zulu encerrou sua carreira no mundo do *reggae* e converteu-se em uma religião protestante.

Além do Tribus do *reggae*, outros programas surgiram posteriormente, mas de pouca duração. Mais recentemente (em 2014 especificamente), existiu na rádio 102 FM o programa da **Estação Locoreggae**, que ia ao ar todos os domingos, das 17h00min as 19h00min, apresentado pela **DJ Lú Marley**, pelo Locutor Saturo Cardoso e pelos **DJ's Flávio Roots, Ronnie Pedra, Coelho Roots e Mister Luciano**. Neste programa havia o sorteio de vários brindes e entradas para o ônibus balada que circulava (com festas) pelas ruas da cidade, aos finais de semana. A cada domingo, os **DJ's** também contavam fatos da história do *reggae* na Jamaica e no Brasil (geralmente o histórico de algum cantor ou banda famosa), e durou pouco mais de um ano.

Houve também o programa “**Filhos da Tribo**”, com duração de um mês no ano de 2015. O objetivo foi antecipar e propagar um show da Banda Tribo de Jah, que não ocorreu – e causou grandes transtornos e atritos entre os regueiros – por motivos de ordem financeira. A banda veio à Macapá, foram a veículos de propaganda massiva na TV e Rádio, chegaram a ser levados à sede da AERC²⁴ no bairro Santa Rita, mas não subiram ao palco para fazer o show devido à falta de pagamento de parte do cachê acertado contratualmente. O empresário que estava promovendo o evento alegou que o público que lá compareceu, mesmo mediante ao pagamento de ingressos e consumo de bebidas, não foi suficiente para arrecadar a outra parte do cachê da banda. O empresário foi hostilizado pelo público e na semana seguinte, alguns **DJ's** se digladiaram publicamente em redes sociais, deixando vir à tona suas desavenças pessoais, fator que contribuiu fortemente para o não crescimento e desenvolvimento da cena *reggae* de Macapá.

²⁴ Sigla da Associação Esportiva e Recreativa da CEA – Companhia de Eletricidade do Amapá -, localizada no bairro Alvorada, próximo ao 34º batalhão de infantaria e selva, zona sul de Macapá. Esporadicamente é utilizado para shows e eventos de médio e grande porte. (Disponível em: <http://aerc-ap.blogspot.com.br/> e http://www.apontador.com.br/local/ap/macapa/associacoes_e_sindicatos/C403157508311O311E/aerc.html/. Acesso em 07/06/2016).

Encerradas as festas na UNA e os programas de rádio, o reggae em Macapá passou a circular por vários locais na cidade, fato que ocorre até hoje. Muitos destes espaços – ou pontos de encontro - já são extintos. São eles: o Bar Kingston Music, a Estação Locorregae, o Terraçu's Bar, o Reggae do Bondinho (no trapiche Eliézer Levy), o Reggae na Praça Floriano Peixoto, Reggae do Trapiche Bar (na orla do Santa Inês), o Liverpool Bar, o Espaço Aberto, o Ancorador (antigo Mosaico Casa de Praia), o Espaço Bessa, o Quiosque Crepúsculo (no complexo do araxá), o Espaço Tribal (de propriedade do cantor Naldo Maranhão), a Toca do Reggae e ainda, outros que pouco foram citados ou têm algum registro.

Apesar da maioria destes pontos de encontro da comunidade regueira na cidade já terem sido extintos, alguns merecem destaque, como o *Reggae* no Trapiche do Bondinho e o Bar Kingston Music, onde participei e observei de muitas festas que ocorreram nestes dois locais, especificamente.

As festas no trapiche Eliézer Levy: “o Reggae do Bondinho”

O Trapiche Eliézer Levy é uma homenagem ao ex-prefeito Eliézer Levy, que, na época (década de 1940), recebeu recursos do Interventor do Pará, Magalhães Barata, para execução da obra. Durante muito tempo foi o ponto de chegada e saída da cidade. Antes do trapiche, as embarcações aportavam na chamada Pedra do Guindaste, onde hoje está a imagem de São José. Na última reforma, o trapiche recebeu uma estrutura de concreto, onde funciona um restaurante e um bondinho para transportar os frequentadores. As embarcações, atualmente, aportam em outros lugares, tais como o "igarapé das mulheres"²⁵ e as rampas em frente ao bairro Santa Inês, próximo ao centro comercial. O Trapiche Eliézer Levy, com 472 metros de comprimento, é uma das principais atrações turísticas da cidade.

As festas de *reggae* no Trapiche do Bondinho (como era denominado pelos *DJ's*) iniciaram exatamente no mês de junho de 2012 e aconteciam todas as quintas e domingos. No início, além da apresentação de *DJ's*, bandas de *reggae* locais também se apresentavam, geralmente aos domingos.

A estrutura logística do “*Reggae do Bondinho*” contava com um palco médio construído em madeira onde havia os seguintes equipamentos: quatro mesas de plástico, duas

²⁵ Antigo nome do atual bairro Perpétuo Socorro. Existe um igarapé que corta grande parte do bairro e onde, antigamente, muitas mulheres utilizavam o local para lavagem de roupas.

caixas grandes de som (à esquerda e à direita do palco) e um aparelho médio (*mixer*) onde controle do volume do som. Segundo o *DJ* Patcheco Roots, os equipamentos ficavam direto no palco, porque dois guardas faziam a segurança do local. Um sempre na entrada do trapiche, próximo à sorveteria, e outro na parte do restaurante (onde aconteciam as festas), e talvez por isso nunca nenhum dos equipamentos de som foi extraviado. Havia ainda, um *banner* grande e colorido com a imagem do rosto de Bob Marley e as seguintes palavras impressas: “Alguns vão te odiar, fingem que te amam agora. Então pelas costas, eles tentam te eliminar. Quem Deus abençoa, ninguém amaldiçoa. (Bob Marley Tribute)”. Trata-se da tradução da letra de uma música composta pelo cantor.

Um ano após a inauguração do “*Reggae do Bondinho*” muita coisa mudou. As bandas de *reggae* locais deixaram de se apresentar. Somente os *DJ*'s tocavam suas sequências musicais utilizando meios tecnológicos como *notebook*'s, *pen-drives*, cartões de memória, MP3's, discos de vinil, toca discos (exclusivamente aos domingos), caixas de som amplificadas e microfones.

A questão da segurança também sofreu modificações em decorrência de alguns incidentes terem ocorrido, como brigas e agressões físicas por parte de alguns frequentadores. Às quintas-feiras, o número de profissionais de segurança era menor que aos domingos, devido o público das quintas ser menor do que aos domingos.

Para comemorar o 1º ano do “*Reggae do Bondinho*” houve o show do Cantor Maranhense Ricardo Luz no dia 07 (sábado) de setembro de 2013, na sede da AERC e a entrada para o show foi cobrada. E no domingo, 08 de setembro, o cantor também se apresentou no “Trapiche do Bondinho” por volta das 22h00min. Mas, por se tratar de um local público - e ponto turístico -, não houve a cobrança de ingressos. O local estava bastante lotado. Ainda em 08 de setembro, a *DJ* Paraense France Almeida se apresentou.

O público que frequentava o “*Reggae do Bondinho*” era bastante diversificado. Às quintas-feiras havia a presença de um público mais fidelizado, que se considerava mais engajado com as raízes musicais e históricas do ritmo jamaicano. O fluxo de frequentadores aumentara a partir das 20h00min. Apenas um *garçon* atendera aos clientes e somente um profissional de segurança. A maioria dos *reggaes* tocados tinha as letras em inglês e sempre com muitas vinhetas entre as músicas. A maioria dos clientes ficava de pé observando o movimento e conversando. Grande parte das pessoas vestia bermudas e/ou calças jeans, e

camisetas sem as cores das bandeiras da Jamaica ou da Etiópia²⁶. Alguns trajavam uniformes escolares (grupos de adolescentes, aparentemente) e outros fumavam cigarros de maconha sem sofrerem repressão por parte da equipe de segurança da festa.

Como o Trapiche Eliezer Levy é um ponto turístico e faz parte de um complexo de lazer na Praça Beira Rio, muitas pessoas se dirigiam à praça aos domingos para passeio. E como ocorria o “*Reggae do Bondinho*” também aos domingos, após um tempo de passeio pela praça, algumas pessoas se dirigiam à festa depois. Devido a isso, o público de domingo era bem mais diversificado e numeroso e procurava somente diversão ao invés de engajamento político e social²⁷.

A equipe que fazia a segurança, aos domingos, era em maior número também. A partir das 20h00min, os seguranças ficavam na entrada do trapiche, próximo à sorveteria. Eles cobravam identificação através de documento pessoal e faziam revista em homens e mulheres, além de bolsas e sacolas. A partir das 22h00min os *DJ's* anunciavam ao microfone, a recomendação que os menores se retirassem da festa – para cumprimento das leis referentes ao menor de idade – e parte dos seguranças começara a circular entre os regueiros para que esta determinação fosse cumprida.

A presença de pessoas fumando cigarros de maconha era terminantemente proibida aos domingos. Presenciei alguns fatos repressivos aos domingos, o que gerava transtorno tanto para os regueiros quanto para a equipe de segurança.

Durante o mês de julho, o “*Reggae do Bondinho*” ganhara o nome de “*reggae das férias*”. Aumentara o número de frequentadores e além das quintas e dos domingos, ocorreu em alguns sábados também. Vez ou outra, os *DJ's* denominavam as festas conforme a temática do mês. Houve o “*reggae dos namorados*” na data de 12 de junho, quando se comemora o “dia dos namorados” no Brasil; o “Tributo ao Rei Bob Marley”, no domingo, 12 de maio de 2013. Haja vista que em 11 de maio comemora-se o Dia Nacional do Reggae no

²⁶ A Bandeira da Etiópia, nas cores amarela, verde e vermelha, são reproduzidas entre os regueiros como sendo “as cores do *reggae*”. Porém, muitos desconhecem a origem do significado. “O nome da religião vem de Ras Tafari Makonnen (1892-1975), que, entre 1916 e 1930, foi rei da Etiópia - na época, a única nação independente da África. Em 1930, ele foi proclamado imperador pela Igreja Etíope Ortodoxa Cristã e renomeado Hailê Selassiê. Até hoje, Selassiê é adorado como uma encarnação de Jah (Deus), destinado a levar o mundo a uma era de ouro”. (O grifo é meu). Disponível em: <http://mundoestranho.abril.com.br/materia/o-que-e-a-religiao-rastafari/>. Acesso em 07/06/2016).

²⁷ Havia uma diferença bastante notória entre o público que frequentava o “*Reggae do Bondinho*”. Às quintas-feiras havia um fluxo baixo de frequentadores, que se consideravam mais conhecedores da história da origem do *reggae* e devido a isso, se julgavam engajados com as causas sociais e de combate à discriminação racial (ou contra qualquer outro tipo de preconceito). O que não percebi no público que ia aos domingos, que buscava apenas diversão.

Brasil²⁸. O tributo teve início ao meio dia com uma feijoada oferecida gratuitamente aos que lá estiveram presentes. Coincidentemente também foi o Dia das Mães. Quase todos os *DJ's* de *reggae* de Macapá se fizeram presentes e tocaram na festa. Perguntei ao *DJ* Patcheco o total de *DJ's* que tocaram neste dia e ele afirmou que foram mais de quinze, os quais tocaram sequências entre 20 e 30 minutos cada e sempre se revezando. O “*Reggae* do Bondinho” durou um ano e sete meses (de junho de 2012 a janeiro de 2014).

Com o passar do tempo, principalmente aos domingos, as festas foram lotando mais a cada final de semana e ficava quase impossível ter um controle de forma adequada no local. Ocorreram brigas e desavenças entre algumas gangues²⁹, assaltos, pessoas fumando cigarros de maconha livremente (mesmo havendo repressão) e o consumo cada vez maior de bebidas alcoólicas. Havia ainda, uma presença maciça de menores de idade, embora a partir das 22h00min, eles fossem convidados a se retirar da festa. Era praticamente impossível que famílias - principalmente com crianças - pudessem frequentar o Trapiche aos domingos. Devido a isso, alguns pais de família alegaram na imprensa local sobre a impossibilidade de passeios no Trapiche aos finais de semana e que havia vários problemas ocorrendo como: prostituição, venda e consumo de drogas, roubos, furtos e brigas. O fato foi massificado por alguns veículos de comunicação local e houve polêmica e diversidade de opiniões em torno do encerramento dessas festas. Pois, os promotores sentiram-se profissionalmente ofendidos com tais acusações e foram aos mesmos veículos de comunicação solicitar direito de resposta. Alguns *DJ's* alegaram que, naquelas festas, trabalhavam pais de família e pessoas de bem, que o que estava sendo divulgado e massificado eram apenas boatos. Sobre isso, Silva (1992, p. 74) esclarece que:

Na história dos salões de *reggae* de São Luís, registra-se uma série de atos de invasão da polícia. A alegação é de que, esses espaços são locais de concentração de marginais e desocupados e as ações da polícia visam apreender possíveis suspeitos, armas ou drogas. Sem dúvida que existe entre esses seguimentos, um índice considerável de marginalidade, em consequência das próprias contradições produzidas pela sociedade de classes. Contudo não se pode negar que, historicamente, na sociedade brasileira, a simples aglomeração de negros em grande quantidade, ocupando um mesmo espaço, tem representado uma ameaça para os setores dominantes, pretensamente brancos. [...] Por se tratar de um tipo de música produzida por negros jamaicanos e utilizada como

²⁸ Através da Lei nº 12630/2012, foi instituído o Dia Nacional do *Reggae* no Brasil, publicado no Diário Oficial da União em 14 de maio de 2012. Assinada pela Presidenta Dilma Rousseff, a data escolhida foi 11 de maio, por ser o dia em que o cantor jamaicano Bob Marley faleceu (em 1981).

²⁹ S.f.: Bando, quadrilha ou corja; grupo organizado que se reúne para prejudicar algo ou alguém; conjunto de bandidos ou malfeitores - Brasil. Jovens que se comportam de maneira agressiva. Figurado. Turma; grupo de pessoas com interesses em comum. (Etimologia do inglês: *gang*). Disponível em: <http://www.dicio.com.br/gangue/>. Acesso em 08/06/2016.

veículo de protesto, contra a opressão e o racismo, o *reggae* é [...] perigoso e ameaçador da ordem social. Portanto, através da intervenção nas festas, as elites dominantes visam bloquear as possibilidades da população regueira, construir seus próprios caminhos de identificação. [...] Mesmo confrontando-se com essas formas de repressão, e também com outras mais sutis veiculadas na imprensa.

O fato é que diante de tal polêmica, o governo local e o ministério público proibiram as festas no trapiche, alegando que local é público, ponto turístico e o locatário do restaurante, não possuía nenhum tipo de autorização legal para promover eventos daquele porte. A discussão sobre o assunto durou cerca de dois meses (entre novembro de 2013 e janeiro de 2014), mês em que o “*Reggae do Bondinho*” foi encerrado. O palco foi desmontado e desde então o (ex) locatário do restaurante foi legalmente proibido de promover festas, correndo o risco de não vencer nova licitação para administrar o restaurante. Há mais de um ano o trapiche encontra-se fechado para reforma e sem previsão de reinauguração.

Bar *Kingston Music*: ponto de encontro dos regueiros na orla do Santa Inês

Fazia parte de um complexo de bares e restaurantes localizados na orla do Santa Inês, na frente da cidade, às margens do Rio Amazonas. Antes de ser denominado de *Kingston Music*, foi o Bar *Good Night*, onde bandas de rock amapaenses se apresentavam aos finais de semana.

Neste bar, eram promovidas festas de quinta à domingo: de *reggae*, *rock* e outros eventos fechados. As quintas e domingos tinha *reggae*, as sextas e sábados tinha rock. Era de sociedade de dois empresários. O nome que fazia alusão ao *reggae* – especificamente - era em homenagem à capital da Jamaica.

As festas de *reggae* neste local se tornaram tão “famosas” quanto o “*Reggae do Bondinho*” por serem promovidas nos mesmos dias das festas no trapiche. Com isso, os regueiros se deslocavam de um local para o outro. Geralmente começavam no trapiche e posteriormente, seguiam para o *Kingston*.

A maioria das festas neste bar eram temáticas e a entrada era liberada ao público até as 22:00 h. A partir deste horário, era cobrado ingressos na portaria. Em uma de minhas notas de campo durante a pesquisa etnográfica, relato uma dessas festas:

Foi promovido no Bar *Kingston Music*, o “*Reggae de Jah*”³⁰. Tocaram (revezadamente) no evento, os *DJ’s Patcheco Roots*, Jacqueline Sanches, Duffnaldson “O Estiloso” e Mister Luciano. Somente o *DJ Patcheco* tocou usando discos de vinil, os demais tocaram em seus *notebook’s*. Os *DJ’s* vestiam roupas em cores que lembram a bandeira da Etiópia (verde, amarelo e vermelho), com camisetas com o rosto de Bob Marley estampado, bermudas, camisetas, bonés e tênis. Somente o *DJ Patcheco* vestia uma camiseta fazendo propaganda do show do cantor argentino Dread Mar-I, que será em 04 de julho de 2013. Percebi que alguns rapazes usando *dreadlock’s*, vestidos de preto e carregando alguns instrumentos musicais chegaram por volta das 2:30 h, mas não houve apresentação de banda. A entrada no evento custou R\$ 5,00 por pessoa. Sendo que por um fato ocorrido na hora da minha entrada, me fez perceber que a renda daquela noite (da portaria) seria destinada aos *DJ’s* que ali estavam tocando. Uma moça e um rapaz controlando a entrada das pessoas no bar. Não houve muitos presentes. Porém, o movimento só iniciou após a meia noite, e a partir das duas horas da madrugada, é que mais pessoas começaram a chegar. Mas sempre acompanhando o movimento dos demais bares e restaurantes localizados na orla do Santa Inês. A maioria das pessoas não estavam vestidas como “regueiros”. Na parte de fora, em frente ao bar e onde se concentram alguns vendedores ambulantes, havia uma bandeira com as cores da Etiópia grande e hasteada que chamava bastante atenção de quem passava próximo ao *Kingston*. Saí do local as 4:30 h e algumas pessoas ainda permaneceram, mesmo os *DJ’s* tendo encerrado o evento. (Quinta-feira, 29/05/2013).

Em quase todos os *reggaes*, era estendida uma bandeira com as cores da Etiópia, a qual chamava bastante atenção dos que passavam as proximidades do bar.

O lugar era pequeno e muito quente. Em seu interior tinha um pequeno palco onde as bandas costumavam se apresentar. Poucas mesas e cadeiras, uma mesa de sinuca, banheiros femininos e masculinos e um bar para a venda de bebidas alcoólicas. A maioria do público que ali frequentou, ficava a maior parte do tempo do lado de fora do bar, sempre em rodas de amigos e conhecidos.

Com o término das festas no Trapiche Eliézer Levy e no *Bar Kingston Music*, os “regueiros de Macapá” continuam em busca de um local fixo – essa é a esperança de muitos que fazem parte da cena – para curtirem “o seu *reggae*”. Locais como o Clube Vítório Galliani e a Toca do *Reggae* também tiveram seus “quinze minutos de fama”. Mas, geralmente, não passam de poucos meses a promoção de festas para regueiros. O único que teve duração até considerável foi a **Eco Casa de Cultura Africana Sankofa**, localizado no Quilombo do Curiaú³¹. Sob a administração de Willy Miranda, conhecido na comunidade

³⁰ É a abreviatura de Jeovah, que significa Deus para os seguidores da religião rastafári. Porém, também é adotado pela maioria dos regueiros.

³¹ Distante a 8 km de Macapá, é formada por dois pequenos núcleos populacionais “Curiaú de Dentro e Curiaú de Fora”. Constitui-se em uma das raras comunidades negras existentes no País. É também uma área de preservação ambiental (APA), que tem como objetivo a proteção e conservação dos recursos naturais e ambientais da região. Os moradores da APA do Rio Curiaú lutam para preservar além da beleza natural da região, a memória dos antigos escravos trazidos no século XVII para a construção da Fortaleza de São José.

regueira como **Nêgo Jamaica**, que promovia festas voltadas as culturas africanas de modo geral – Marabaixo, Candomblé, Batuque³² – e o *reggae* acontecia aos domingos a partir das 10:00 h, com venda de feijoada e bebidas variadas, com destaque para uma bebida denominada *Zeffita*³³. O *Sankofa* durou dez meses e Nêgo Jamaica só pôs fim a este projeto porque o proprietário da casa – que era alugada – pediu a desocupação da mesma. Depois, tornou-se um quiosque móvel de vendas de *drink's* e estava presente em festas afro, inclusive quando ocorria o “Circuito Macapá Reggae”³⁴. Atualmente, é um boteco alternativo localizado na orla do Santa Inês.

Uma cultura nômade em Macapá

O movimento migratório das festas de *reggae* em Macapá é devido ao fato histórico de que desde a sua criação nas décadas de 1960 e 70 na Jamaica, ainda enfrenta barreiras preconceituosas, carregando um estigma que vem desde suas origens.

A questão da higienização social³⁵ também é muito presente e perceptível. De acordo com Silva (1992, p. 95):

A discriminação com os salões de reggae tem a ver com as várias formas de discriminação racial existentes na sociedade brasileira, e que se manifesta em todas as tentativas de mobilização do povo negro através da história [...]. Desde a escravidão, o negro brasileiro tem sido forçado a procurar formas de mobilização em torno de seus elementos culturais, ainda que fragmentados, para resistir à violência da opressão imposta pelos setores dominantes da sociedade.

Foram eles os formadores dos pequenos núcleos familiares que originam a Vila do Curiaú. Disponível em: <http://amapaemdestaque.webnode.com.br/pontos-turisticos/apa-do-curiau/>. Acesso em 08/06/2016.

³² Ritmos de matrizes africanas, praticados – e muito apreciados – pelos amapaenses, com destaque para o Marabaixo que é a única cultura identitária do Amapá.

³³ Feita artesanalmente com mistura de ingredientes regionais à cachaça e café. O nome é uma homenagem à avó do proprietário, moradora do Quilombo do Curiaú.

³⁴ Durante um ano (entre 2014 e 2015), uma vez por mês, ocorria um *reggae* na Praça da Bandeira (bairro central) e recebeu esse nome após algumas reuniões com líderes de vários movimentos regueiros na cidade. Contava com apresentação de *DJ's*, bandas, artistas plásticos, poetas, atores e atrizes. Era custeado com recursos dos próprios organizadores, tendo a Associação Cultural Reggae do Amapá (ACRA) à frente.

³⁵ Significa: Medicina. Biologia. Teoria que tenta criar uma seleção que, contendo o que está presente na espécie humana, se pauta nas leis da genética; eugenismo. P.ext. Ciência que busca pesquisar o processo de aprimoramento genético da espécie humana.(Etm. do latim: eugenia). Durante toda a história da humanidade, diversos povos eliminavam pessoas que nasciam com deficiência, com má-formação e também pessoas doentes. Em 1883 nasceu o termo **eugenia**, criado por Francis Galton e o definiu como o estudo dos agentes sob o controle social que podem melhorar ou empobrecer as qualidades raciais das futuras gerações seja física ou mentalmente. Disponível em: <http://www.infoescola.com/genetica/eugenia/> e <http://www.dicio.com.br/eugenia-2/>. Acesso em 08/06/2016.

É aquela velha questão de que “*reggae* é coisa de maconheiro, de preto, de *hippie*, de desocupado”. Outro fator que também contribui de forma considerável para que, na cidade de Macapá, o ritmo faça um movimento migratório constante, é que na maioria das vezes quem promove estas festas são os próprios *DJ's*, sendo que estes não dispõem de capital financeiro suficiente para manter uma casa somente de *reggae*, já que boa parte do público que costuma ir a estas festas, também são trabalhadores e chefes de família de baixa renda.

O salão de *reggae* não escapa a essa regra. Para a população negra da periferia, este é o único espaço disponível de lazer e diversão. No salão de *reggae*, o negro encontra seus iguais. Estando excluídos social e economicamente de outras formas de lazer, os regueiros se mobilizam a semana toda, trabalhando, procurando (nas suas palavras) “descolar algum troco”, para ir ao *reggae* no final de semana. Ali, ele encontra seu espaço, pois, aparentemente, todos estão buscando a mesma coisa. (SILVA, 1992, p. 95).

Quando o promotor da festa estipula o valor da entrada ao preço de dez reais, isto já é motivo suficiente para críticas e reclamações por parte do “escasso público regueiro”. Devido a isto, o lucro que os promotores buscam alcançar com a promoção dos *reggaes* não é satisfatório. Há ainda questões de desavenças pessoais muito fortes entre os *DJ's* e também entre integrantes de bandas. Somando todos estes fatores, as casa de *reggae* em Macapá, acabam não se mantendo por mais que seis meses. O que leva ao fechamento da maioria delas.

Ainda assim, a comunidade regueira procura outras alternativas para se reunir, ouvir e tocar suas sequências de “pedras”, buscando manter um elo e na tentativa de não deixar apagar a chama do *reggae*. Sempre que possível, eles se reúnem nas casas de alguns – geralmente *DJ's* e/ou colecionadores – amantes do ritmo, onde fazem churrasco regado ao som de origem jamaicano. Alguns destes encontros foram denominados de “Churoots” e acontecia uma vez a cada mês. Hoje, o *reggae* em Macapá tenta sobreviver³⁶ à duras penas através do “Circuito Macapá *Reggae*”, promovido pela ACRA³⁷, uma vez por mês. E, aos

³⁶ Como a pesquisa etnográfica é temporal, os dados foram obtidos até o ano de 2015. Sendo que, atualmente, nem o “Circuito Macapá *Reggae*” e nem o “*Reggae Top*” existem mais. Outros locais como, “No Trampo Bar” (de Judy e *DJ* Mister Luciano da ACRA), “*Reggae no Coffe Beer*” (dos *DJ's* do Movimento Macapá *Roots*), “*Reggae no Taverna do Dragão*” (ao comando da *DJ* Jacqueline Sanches), “*Reggae no Cancun Mexican Food Bar*” (Com a banda *Kayana Jam* e *DJ* Jacqueline Sanches) e “*Reggae na Praça Veiga Cabral* (dos *DJ's* da Equipe Ação *Roots* e ONG *Reggae em Ação*) é que ainda oferecem o ritmo como alternativa de lazer.

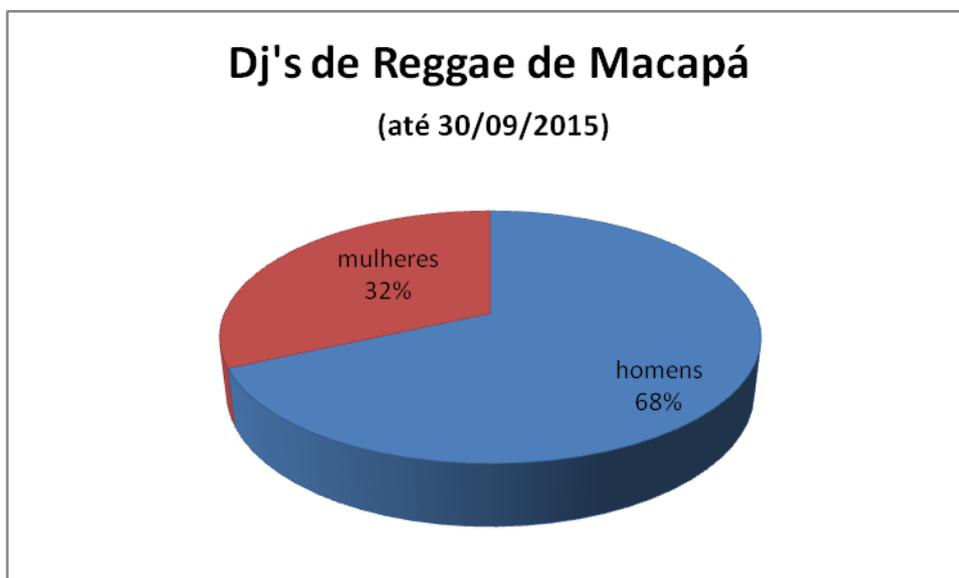
³⁷ Associação Cultural *Reggae* do Amapá. Criada por maranhenses e fundada em 1997. É a única “associação” no estado. Porém, em Laranjal do Jarí existe o Instituto MOREJAR, administrado pelo professor Edivaldo Casemiro, mais conhecido como “Neginho do *Reggae*”.

domingos tem o “Reggae Top” em uma pequena boate anexa ao Macapá Hotel, ao comando de *DJ's* do Movimento Macapá *Roots*.

O universo de *DJ's* (Disk Jôquei) macapaense

A cena *reggae* macapaense conta com um número considerável de *DJ's*, integrantes de bandas, colecionadores,³⁸ empresários e o público apreciador do ritmo, grande parte sendo do Maranhão e do Pará.

Mas, especificamente sobre os *DJ's*, a maioria é do sexo masculino, casados, pais de família, trabalhadores assalariados e/ou autônomos, de baixa renda, em maior parte vindos do Pará e têm faixa etária entre 30 e 40 anos (dados baseados em gráficos). Mas há a presença feminina, embora em menor quantidade. Elas, ao contrário dos homens, são solteiras, estudantes, trabalhadoras, mães e de faixa etária mais jovem. Os *DJ's* não sobrevivem de *reggae* aqui na terra tucuju³⁹, trata-se de diversão de finais de semana e de horas de lazer. É uma forma de manterem suas raízes - maranhense ou paraense - vivas e lembrar-se de familiares e amigos que permanecem em seus estados de origem. Abaixo, gráfico que demonstra esse universo de *Dj's*:



³⁸ Pessoas que colecionam *reggaes* antigos e raros, geralmente do estilo *roots* e/ou de cantores e bandas famosas; em materiais como *notebook's*, *pen-drives*, CD's e discos de vinil. Quase todos os *DJ's* são colecionadores, mas nem todos os colecionadores são *DJ's*.

³⁹ Substantivo masculino que provém do *tupi-guarani*. O termo Tucuju é atribuído a Etnia indígena que habitava a margem esquerda da foz do rio Amazonas, onde atualmente localiza-se a cidade Macapá, capital do estado do Amapá. Disponível em: <http://www.dicionarioinformal.com.br/tucuju/>. Acesso em 18/06/2016.

Num total de 23 *DJ's*, 16 são homens e 07 são mulheres. Dos 16 homens, 12 estão atuando e 04 já saíram de “cena”. Das 07 mulheres, apenas duas continuam tocando.

O perfil dessas pessoas se configura da seguinte forma:

DJ'S DE REGGAE HOMENS									
ATIVIDADE TRABALHISTA		ESCOLARIDADE		ESTADO CIVIL		NATURALIDADE		IDADE	
EMPRESÁRIO	4	ENSINO MÉDIO	9	CASADO	13	PARÁ	6	DE 20 à 30	1
FUNCIONÁRIO PÚBLICO	1					MARANHÃO	3		
ASSALARIADO	5	ENSINO SUPERIOR	6			AMAPÁ	1	DE 30 À 40	10
AUTÔNOMO	5			OUTROS ESTADOS	2				
NÃO DECLAROU	1	NÃO DECLAROU	1	SOLTEIRO	3	NÃO DECLARARAM	4	ACIMA DE 40	5
TOTAL	16		16		16		16		16

De acordo com a tabela apresentada acima, 32% dos *DJ's* homens são trabalhadores autônomos, 31% são assalariados, 25% são empresários e 6% são funcionários públicos. Sobre a escolaridade, 56% têm ensino médio e 38% nível superior. 81% são casados e 19% são solteiros. 37% são naturais do Pará, 19% do Maranhão, 13% são de outros estados (Pernambuco e Rio de Janeiro), e apenas 6% são do Amapá. 63% têm idade entre 30 e 40 anos, 31% estão acima dos 40 e 6% tem menos de 30 anos.

DJ'S DE REGGAE MULHERES									
ATIVIDADE TRABALHISTA		ESCOLARIDADE		ESTADO CIVIL		NATURALIDADE		IDADE	
AUTÔNOMA	4	ENSINO MÉDIO	4	SOLTEIRAS	6	PARÁ	3	DE 20 À 30	4
ASSALARIADA	2	ENSINO SUPERIOR	3	CASADAS	1	AMAPÁ	1	DE 30 À 40	3
OUTROS	1					NÃO DECLAROU	3		
TOTAL	7		7		7		7		7

Das 07 mulheres, 50% são autônomas e 37% são assalariadas. 57% possuem ensino médio completo e 43% nível superior. 86% são solteiras e 14% são casadas. 43% são do Estado do Pará e apenas 14% são do Amapá. E 57% têm entre 20 e 30 anos, enquanto que 43% estão acima dos 30 anos.

Através dos dados expostos acima, pode-se concluir que: o universo de *DJ's* de *reggae* em Macapá é de presença – predominantemente - masculina. São autônomos, casados, estudaram até o ensino médio, são imigrantes do Pará e a faixa etária da maioria está entre 30 e 40 anos. E, embora a presença feminina tocando na noite seja menos expressiva, ainda assim elas não deixam de ser notadas. Mas isto não é um fato isolado. Aconteceu – e ainda

acontece – na Jamaica e provavelmente no Maranhão. É o que Cardoso (1997, p 155) nos explica:

A indústria musical da Jamaica é dominada por homens, principalmente dentro da fraternidade DJ. As mulheres DJ precisaram competir com grande volume de homens que chagavam todos os dias para tentar a carreira. Embora em inferioridade numérica, as mulheres se aguentaram, e através dos anos muitas tornaram-se conhecidas. [...] A grande conquista para as mulheres veio nos anos 70 [...] mas, no começo dos anos 80, foi o marco da chegada de uma nova safra de batalhadoras, disputando o espaço palmo a palmo, letra a letra com seus concorrentes masculinos nos palcos. Desde então, muitas engrossaram esse número, vindas de guetos ou locais similares, cada uma conhecendo bem seu ambiente.

Atualmente, quem mantém as dinâmicas sociais do *reggae* macapaense, são os (as) *DJ's*, mesmo tendo um embate (simbólico) muito forte entre eles. Lideram movimentos regueiros, bares e vários outros locais que servem como ponto de encontro. Sempre na tentativa de não deixar a comunidade regueira sem alternativa para ouvirem suas sequências de “pedradas”, como eles costumam falar nas festas e reuniões.

A disputa de espaço e a briga pelo pioneirismo

No decorrer da pesquisa de campo e a cada entrevista pessoal (e em observações) percebi que há uma disputa simbólica e um embate ideológico muito forte e presente entre os regueiros – principalmente entre os *DJ's* - quando se fala em pioneirismo de festas e de movimentos organizados de *reggae* em Macapá. Alguns *DJ's* chegaram a afirmar que possuem o “título de pioneiro”, de idealizador de tudo o que se pode ver atualmente relacionado ao *reggae* hoje no Estado do Amapá. Mota (2012, p. 62 e 63) relata situação semelhante sobre o *reggae* bahiano:

Na verdade, há na fala dos entrevistados uma certa polarização em torno desse dado. O interessante em datar o pioneirismo do “fazer” *reggae* na Bahia é, de certo modo, alvo da maioria dos músicos e produtores culturais que pude dialogar. Na fala de Clóvis Rabelo, que reforça o pioneirismo soteropolitano, é possível perceber uma breve tensão em torno do termo *reggae*. [...] O que nos parece é que as diferentes narrativas fundacionais revelam também a disputa em torno da construção da memória. (O grifo é meu).

Durante as entrevistas (mas principalmente durante a “convivência” com eles), percebi que essas disputas pelo título de pioneiro são muito fortes e até motivo de muitas polêmicas. Inicialmente, muitos me procuraram se dispendo para relatos, me convidando para festas, para

conhecer suas casas e famílias. Tanto que fatos de suma importância chegaram a ser omitidos. Um exemplo foi sobre a existência do Rasta Man Bar, que devido ao afastamento (dos regueiros atuais) dos ex-proprietários, foi difícil encontrar dados e fotos daquela época. Os poucos que relataram sobre o bar, foram frequentadores (músicos, *DJ's*), mas com certo interesse em ter seus nomes registrados neste trabalho. Dados mais precisos só foram encontrados quando o próprio Mestre Palmerim indicou-me seu irmão Valdir, que também foi seu sócio, através de *e-mail* e contatos telefônicos.

Outra questão observada, é que existem dois tipos de dualidade: *DJ's x DJ's* e *DJ's x* integrantes de bandas locais. O que envolve também outra disputa acirrada por espaços de apresentações e de festas, e também a disputa pelo público vinda de ambos. Alguns integrantes de bandas chegam a afirmar que os *DJ's* querem repetir em Macapá um fato que aconteceu em São Luis do Maranhão, onde os *DJ's* de radiolas não deixaram espaço para que as bandas maranhenses pudessem mostrar os seus trabalhos e conquistarem um público mais fiel⁴⁰.

A disputa entre *DJ's x DJ's* é a mais polêmica, ideológica, simbólica⁴¹ e perceptível. Há “lavagem de roupa suja” de forma pública, com a utilização de mídias sociais. Tudo vira

⁴⁰ Vez por outra, podemos observar que os membros dos grupos mais poderosos que outros grupos interdependentes se pensam a si mesmos (se auto-representam) como humanamente superiores. O sentido literal do termo "aristocracia" pode servir de exemplo. Tratava-se de um nome que a classe mais alta ateniense, composta de guerreiros que eram senhores de escravos, aplicava ao tipo de relação de poder, que permitia a seu grupo assumir a posição dominante em Atenas. Mas significava, literalmente, "dominação dos melhores". Até hoje, o termo "nobre" preserva o duplo sentido de categoria social elevada e de atitude humana altamente valorizada, como na expressão "gesto nobre"; do mesmo modo, "vilão", derivado de um termo que era aplicado a um grupo social de condição inferior e, portanto, de baixo valor humano, ainda conserva sua significação neste último sentido — como expressão designativa de uma pessoa de moral baixa. É fácil encontrar outros exemplos. Essa é a auto-imagem normal dos grupos que, em termos do seu diferencial de poder, são seguramente superiores a outros grupos interdependentes. Quer se trate de quadros sociais, como os senhores feudais em relação aos vilões, os "brancos" em relação aos "negros", os gentios em relação aos judeus, os protestantes em relação aos católicos e vice-versa, os homens em relação às mulheres (antigamente), os Estados nacionais grandes e poderosos em relação a seus homólogos pequenos e relativamente impotentes, quer, como no caso de Winston ' Tenho uma grande dívida de gratidão para com Cas Wouters e Eram van Stolk. Discutir com eles alguns problemas da tradução para o holandês ajudou-me a aperfeiçoar o texto e eles me estimularam a redigir este ensaio. Os Estabelecidos e os Outsiders Parva, de uma povoação da classe trabalhadora, estabelecida desde longa data, em relação aos membros de uma nova povoação de trabalhadores em sua vizinhança, os grupos mais poderosos, na totalidade desses casos, vêm-se como pessoas "melhores", dotadas de uma espécie de carisma grupal, de uma virtude específica que é compartilhada por todos os seus membros e que falta aos outros. Mais ainda, em todos esses casos, os indivíduos "superiores" podem fazer com que os próprios indivíduos inferiores se sintam, eles mesmos, carentes de virtudes — julgando-se humanamente inferiores. (Elias, 1897-1990, p. 19 e 20).

⁴¹ "O mundo social pode ser concebido como um espaço multidimensional construído empiricamente pela identificação dos principais fatores de diferenciação que são responsáveis por diferenças observadas num dado universo social ou, em outras palavras, pela descoberta dos poderes ou formas de capital que podem vir a atuar, como azes num jogo de cartas neste universo específico que é a luta (ou competição) pela apropriação de bens escassos... os poderes sociais fundamentais são: em primeiro lugar o capital econômico, em suas diversas

motivo para brigas e acusações. Porém, dificilmente chegam a agressões físicas (embora isto já tenha ocorrido por duas vezes). No máximo brigam por títulos e por público. Ou ainda, por quem toca as melhores “pedras”, aqueles que conseguem chegar primeiro às raridades. Ou a ter os melhores e mais modernos equipamentos de som. Para Bourdieu *apud* Valle Silva, (1979-1995. p. 20) "não há nada tão poderoso quanto o gosto musical para classificar os indivíduos e por onde somos infalivelmente classificados".

Mas, um fato importante merece destaque: a última vinda (até o momento) da Tribo de Jah à Macapá em 19 de junho de 2015. A banda veio, participou de programas de TV e de rádio para divulgação do evento, foi hospedada em hotel e ainda foi deslocada até a sede da AERC por volta de 03h30min da madrugada. Porém, o show não ocorreu devido à falta do pagamento de 50% do cachê, o que ocorreria 30 minutos antes. Este marco – no *reggae* em Macapá – trouxe à tona, antigas rixas entre alguns *DJ's*. Tudo foi registrado e testemunhado por vários regueiros em postagens públicas na rede social *Facebook*. O empresário que estava promovendo o show não faz parte do *reggae* e tampouco conhecia o público alvo. Mas o que chamou a atenção foi a exposição das adversidades entre os *DJ's*. Por volta de dois meses antes, alguns movimentos regueiros estiveram engajados e promovendo a divulgação. O que ficou visível para quem estava “de fora” (como eu) é que estes movimentos – mais associação e *DJ's* independentes – é que estavam promovendo o evento. O que foi negado, com notas de esclarecimento, após a não concretização do show. Eles se designaram como “contratados” (apenas) para tocar. Seria antiético de minha parte citar nomes. Mas como tudo ficou público, irei ao menos descrever o fato. Um *DJ* da Equipe Ação *Roots* e ONG *Reggae em Ação* se digladiou com outro *DJ* que fez parte do antigo Movimento Macapá *Reggae*. Ambos ficaram horas (pelo *Facebook*) discutindo e trazendo fatos do passado à tona. Frases como “*DJ's* das antigas”, “pai do *reggae*”, “forasteiro *playboy* do *reggae*”, “*reggae* de verdade”, entre outras, foram exaustivamente repetidas.

O que fica muito claro (através da etnografia), é que em Macapá, há uma resistência muito grande por esses chamados “*DJ's* das antigas” contra os que estão iniciando agora. Ou ainda, contra aqueles que tocam estilos diferentes do “*roots*”. Acusações de que uns entendem

formas; em segundo lugar o capital cultural, ou melhor, o capital informacional também em suas diversas formas; em terceiro lugar, duas formas de capital que estão altamente correlacionadas: o capital social, que consiste de recursos baseados em contatos e participação em grupos e o capital simbólico que é a forma que os diferentes tipos de capital toma uma vez percebidos e reconhecidos como legítimos." (BOURDIEU, 1987. p. 4).

mais e outros menos, ou de quem tem mais tempo tocando, são corriqueiramente percebidos no meio. E isto ainda dará muito “pano para manga” em relação ao *reggae*.

A questão de ser – ou não – pioneiro é de se esperar quando se trata de assuntos relacionados a festas populares e rituais dentro da Antropologia. Afinal, o espaço de uma festa, não serve apenas para diversão dos que lá estão, mas retrata uma parte da sociedade dos atores que nela estão inseridos. É possível encontrar indivíduos de diversas classes sociais dentro de um mesmo espaço de festas. Então, é normal que estes indivíduos reproduzam hábitos e costumes de suas classes sociais. Freire (2012, p. 61) *apud* Burke e Perez⁴² e Vianna⁴³ (1987, p. 140) ressalta que:

A festa é o excesso, o momento no qual quem pouco tem, tudo pode, a hora de se divertir para recuperar as energias e voltar à dura rotina, só esperando pela próxima festa. O som alto [...], a dança no salão, o consumo de bebida alcoólica (principalmente cerveja), o encontro com amigos, a “pura e simples” diversão: tudo isso proporciona aos frequentadores a sensação de alívio de tensões do dia-a-dia, apesar de ali haver outras tensões. [...] A ameaça sempre presente da violência. A festa é loucura, uma afirmação inconsequente e irresponsável de que a vida vale a pena ser vivida. A alegria apesar de toda a miséria do cotidiano. (O grifo é meu).

Diante de tais fatos e acontecimentos, percebe-se que, o que acontece na “cena *reggae* macapaense” não é um caso isolado. “A festa torna evidente a capacidade que têm todos os grupos humanos de liberarem-se de si mesmos e de enfrentarem uma diferença radical no encontro com o universo sem leis nem forma, que é a natureza na sua inocente simplicidade.” (Vianna, 1987, p. 21 *apud* Duvignaud, 1983. p. 212). Haja vista que, os atores reproduzem hábitos e costumes corriqueiros de seus círculos sociais e familiares. No caso do *reggae* maranhense, além das disputas simbólicas, há a violência física devido ao grande número de radiolas e fã clubes⁴⁴. Motivo de preocupação futura na terra *tucuju*, já que as disputas, as diferenças ideológicas e a busca por espaço de apresentação e pelo pioneirismo estão cada vez mais evidentes, acirradas e públicas. Concluo este tópico com parte de uma transcrição de uma das minhas primeiras entrevistas em campo, no dia 13 de junho de 2013, em evento

⁴² Burke, Peter. O mundo do carnaval. In: *Cultura Popular na Idade Moderna*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 202-228. Perez, Lea Antropologia das Efervescências Coletivas. Dionísio nos Trópicos: festa religiosa e barroquização do mundo – Por uma Antropologia das Efervescências Coletivas. In: Passos, Mauro (org.) *A festa da vida*. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 15-58. In: *Onde o reggae é a lei*. São Luís: EDUFMA, 2012.

⁴³ Hermano Paes Vianna Júnior é Antropólogo pelo Museu Nacional/UFRJ e autor da dissertação de mestrado – posteriormente publicada como livro - *O Baile Funk Carioca: Festas e Estilos de Vida Metropolitanos*, no ano de 1987. Disponível para *download* em: <http://www.overmundo.com.br/banco/o-baile-funk-carioca-hermano-vianna/>. Acesso em 16/06/2016.

⁴⁴ Grupos organizados, semelhantes às torcidas de futebol, que têm preferência por determinada radiola e também se assemelham as equipes de Brega do Pará.

ocorrido na antiga Praça do *Skate*⁴⁵, na orla do Santa Inês, com Seu Elias Cantanhede, maranhense popularmente conhecido entre a comunidade regueira como Vovô do *Reggae*:

Eu falo o meu ponto de vista, eu não sei o ponto de vista dos outros. Do meu ponto de vista, o *reggae* ele evoluiu, não deixou de evoluir porque nós tamos lutando pra evolução dele, pior é que a gente nunca deve desunir, é o que eu falo pra esse pessoal toda hora, porque aqui existe, se não tô enganado tem quatro movimento, quatro ou cinco, então eu falo pra eles tudinho: “pessoal vamos se unir, não vamos puxar um pra lá e outro pra acolá”. Ah! Porque movimento tal, movimento tal, e querer puxar o tapete um do outro, se não nós vamos acabar puxando todos os tapetes e botando em cima do *reggae* e o *reggae* não pode levantar com um monte de tapetes em cima, nós tem que esticar os tapetes pro espaço ficar maior pra nós deitar e rolar. (SIC).

Não há unificação entre os líderes de movimentos regueiros em Macapá. Às divergências ideológicas são levadas para o lado pessoal na maioria das vezes. E isto é tão “visível” que atrapalha até mesmo o alcance de objetivos que poderiam ser usados para o bem comum, como a aprovação de uma lei estadual (P.L. nº 0054/15 – AL/AP)⁴⁶ ou municipal envolvendo o *reggae* como cultura de grande relevância, a exemplo de estados como Maranhão e Bahia.

Considerações finais

Após três anos de pesquisa, conclui-se que o *reggae* em Macapá, trata-se de uma reunião de imigrantes interessados em preservar as raízes culturais do Maranhão e do Pará, em decorrência do amor e da identificação com o ritmo de origem jamaicana. Envolvendo disputas ideológicas e simbólicas por “pioneirismos”, espaços de apresentações culturais e ainda, resistência das antigas gerações com as atuais, criando e desenvolvendo o que eu denomino de “Circuito Regueiro Macapaense”.

Comparando a dinâmica do *reggae* em Macapá com a do Laranjal do Jarí, percebo que cada lugar tem sua especificidade cultural. Seja ela de origem local, regional, nacional ou global. A cultura vai se hibridizando.

⁴⁵ Praça localizada na orla do Santa Inês onde tem rampa para a prática de manobras esportivas com *Skate*.

⁴⁶ Disponível em: <https://ar-ar.facebook.com/CristinaPSB40/posts/1162120257186770:0/> e em: http://www.al.ap.gov.br/ver_texto.php?iddocumento=55938/. Acesso em: 17/06/2016.

Nas festas que frequentei, havia a presença (eram poucos) de fumantes de maconha e um consumo de bebidas – principalmente cerveja – de forma exacerbada e durante algum tempo, houve um “modismo” desse tipo de festas na cidade. Alguns regueiros trajavam roupas com as cores verde, amarelo e vermelho (da bandeira da Etiópia) ou com os rostos de cantores jamaicanos famosos, como Bob Marley e Peter Tosh, ou ainda com camisas e bonés referentes a algum movimento ou equipe de *reggae* local. O que tocava – ou toca – são sequências musicais do estilo *roots*, com predominância das letras em Língua Inglesa. E, embora o público (sem generalizações) não entenda o significado literal das letras em Inglês (que geralmente são hinos rastafáris), o que envolve e contagia é o ritmo, a batida, a melodia. É a diversão de finais de semana, o re (encontro) com a “massa regueira”.

Pessoas tornam-se “ícones ou figuras ilustres” na cena. Nomes (ou pseudônimos) que não podem deixar de ser citados são os regueiros: Roots Man, César Vasconcelos e Enilson Lima. Sempre presentes em shows, casas de *reggae*, eventos nas praças, em local público ou privado, onde tiver uma regueirada, lá eles estarão dando seus shows de dança particular. Outros como Vovô do Reggae, Conterrâneo, Wallace, Douglas (Cobrinha), Ninno Gato, Antônio Pedra, Demônio do Reggae, a Professora Ada Pontes e tantos outros, são algumas pessoas que fazem a cena continuar sua dinâmica social, cultural e identitária. Para eles não há distância, faça sol ou faça chuva, com dinheiro ou sem dinheiro, com transporte ou sem transporte, onde for promovido um *reggae*, eles estarão pedindo para os *DJ's* tocarem suas “pedras” preferidas, aquela que faz o coração bater mais forte.

Todos são importantes. *DJ's*, integrantes de bandas locais, empresários, colecionadores, equipes, líderes de movimentos, de associação, de ONG, esposas e filhos, e principalmente o público que frequenta as festas. Sem estas pessoas, não existiria “Circuito Regueiro” e nem história para contar.

Mesmo com tantas adversidades e falta de unificação, ainda assim a luta por melhorias no seguimento regueiro amapaense vai se desenvolvendo. Espero com este artigo, contribuir de forma impessoal para a continuação destes avanços. E também para que sirva de fonte de pesquisa para trabalhos futuros, haja vista que, trata-se de algo inédito no estado (creio eu).

Aqui no “Meio do Mundo”, tudo começou na metade dos anos 1990 do século XX, especificamente entre 1993 e 1997, há exatos 23 anos. Partindo desta cronologia, percebe-se que ainda é tudo muito novo, que o *reggae* no Amapá ainda está em construção, em período de consolidação.

Referências

- _____. **Bob Marley por ele mesmo**. São Paulo, Martin Claret Ltda: 2004. 11ª reimpressão – 2011. 176 p.
- _____. **Quando Atenas vira Jamaica**. Revista de história da biblioteca nacional, ano 9, nº 101, fevereiro de 2014.
- ALBUQUERQUE, Carlos. **O eterno verão do reggae**. São Paulo, Ed. 34: 1997. 192 p. (Coleção Ouvido Musical).
- CARDOSO, Marco Antônio. **A magia do reggae**. Pesquisa e organização. São Paulo, Martin Claret Ltda: 1997. 248 p.
- COSTA, Antônio Maurício da. **Festa na Cidade: o circuito bregueiro de Belém** (2004). In: LIMA, Andrey Faro de. **“É a Festa das Aparelhagens!” – Performances Culturais e Discursos Sociais**”. Belém: UFPA, 2008
- ELIAS, Norbert, 1897-1990. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Norbert Elias e John L. Scotson; tradução, Vera Ribeiro; tradução do posfácio à edição alemã, Pedro Siissekind; apresentação e revisão técnica, Federico Neiburg. - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2000.
- FREIRE, Karla Cristina Ferro. **Onde o reggae é a lei. São Luís: Jamaica Brasileira?** São Luís, EDUFMA: 2012. 304 p.
- GASPERIN, Emerson. **Reggae**. São Paulo, Ed. Abril: 2004. 102 p. (Coleção Para Saber Mais – Super Interessante).
- LIMA, Andrey Faro de. **“É a Festa das Aparelhagens!” – Performances Culturais e Discursos Sociais**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais – Antropologia, Belém, 2008.
- MORIAS, Maria do Carmo Lima e ARAUJO, Patrícia Carla Viana de. **O reggae, da Jamaica ao Maranhão: presença e evolução**. IV ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura. 28 a 30 de maio de 2008. Faculdade de Comunicação/UFBa, Salvador-Bahia-Brasil. RESUMO.
- MOTA, Fabrício. **Guerreir@s do terceiro mundo: identidades negras na música reggae**. Salvador: Pinaúma, 2012. 192 p. (Sons da Bahia, v. 2).
- RODRIGUES DA SILVA, Carlos Benedito. **Da terra das primaveras à ilha do amor: reggae, lazer e identidade em São Luís do Maranhão**. Campinas: Universidade Estadual de Campinas. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Dissertação de Mestrado, 1992.

RODRIGUES DA SILVA, Carlos Benedito. **Registros iconográficos do reggae no Maranhão.** Artigo científico. *Revista Brasileira do Caribe*, São Luis, Vol. XI, nº22. Jan-Jun 2011, p. 205-225.

SANTOS, Georgiana Márcia Oliveira. **A terminologia do reggae: uma face da realidade lingüística maranhense.** (Artigo científico). UFMA. Disponível em

SILVA, José Maria da. **“Encontro dos tambores”:** performance ritual e discurso racial. Universidade Federal do Amapá. Trabalho apresentado na 29ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 03 e 06 de agosto de 2014, Natal–RN.

VALLE SILVA, Gilda Olinto do. **Capital cultural, classe e gênero em Bourdieu.** Artigo científico. Tese. INFORMARE - Cadernos do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, v.1, n.2, p.24-36, jul./dez. 1995.

VIANNA, Hermano. **O Baile Funk Carioca: Festas e Estilos de Vida Metropolitanos.** Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro/Museu Nacional. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Dissertação de mestrado, 1987.

WAGNER, Roy. **A invenção da cultura.** São Paulo: Cosac Naify, 2010. 256 p.

Anexos



Trapiche Eliézer Levy na década de 1940
Fonte: <http://portaretrato-ap.blogspot.com>



Trapiche atualmente
Fonte: a autora/arquivo pessoal



Entrada do Trapiche
Fonte: a autora/arquivo pessoal



Bondinho Do Trapiche
Fonte: a autora/arquivo pessoal



Lateral direita do Trapiche
Fonte: a autora/arquivo pessoal



Restaurante do Trapiche
Fonte: a autora/arquivo pessoal

ANEXOS



Espaço onde ocorria o Reggae do Bondinho
Fonte: a autora/arquivo pessoal



Palco onde os Dj's tocavam
Fonte: a autora/arquivo pessoal



Espaço onde ocorria o Reggae do Bondinho
Fonte: a autora/arquivo pessoal



Reggae do Bondinho em dia de Tributo
Fonte: a autora/arquivo pessoal



Reggae do Bondinho em noite de domingo
Fonte: Facebook Macapá Roots



Público do Reggae do Bondinho
Fonte: Facebook Macapá Roots

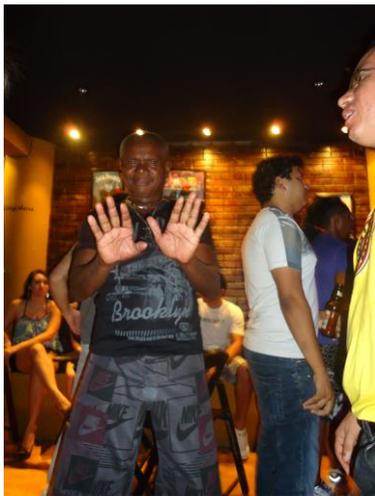
ANEXOS



Chico Graciano, Dylan Rocha e Vovó do Reggae
Fonte: Chico Edson Graciano/Arquivo pessoal



Cantor Maranhense Ronnie Green
Fonte: Chico Edson Graciano/Arquivo pessoal



Vovô do Reggae
Fonte: Chico Edson Graciano/Arquivo pessoal



DJ Duffnaldson "O Estiloso"
Fonte: Chico Edson Graciano/Arquivo pessoal



Eu e Dj's: Ronnie Pedra, Coelho Roots, Mister Luciano e Patheco Roots
Fonte: Chico Edson Graciano/Arquivo pessoal



Banda de Reggae Local
Fonte: Chico Edson Graciano/Arquivo pessoal

ANEXOS



Extinta Banda Porto Reggae
Fonte: Chico Edson Graciano/Arquivo pessoal



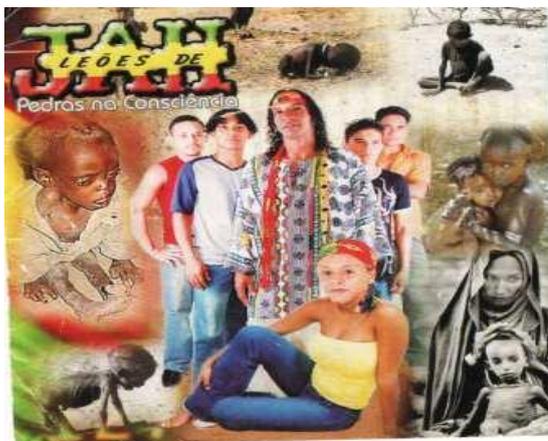
Marquinhos Roots/ Bandas Porto Reggae e Mano Roots
Fonte: Chico Edson Graciano/Arquivo pessoal



Integrantes da extinta banda Porto Reggae
Fonte: Chico Edson Graciano/Arquivo pessoal



Ronnie Pedra, Coelho Roots, Augusto Zulu, Maurício Madrigal (falecido), Chico da Porto e Vovô do Reggae
Fonte: Chico Edson Graciano/Arquivo pessoal



Capa do CD da extinta Leões de Jah
Fonte: Chico Edson Graciano/Arquivo pessoal



Augusto Zulu no extinto programa de rádio Tribus do Reggae
Fonte: Facebook Augusto Zulu

ANEXOS



Propaganda do show do cantor argentino Dread Mar-i
Fonte: Facebook Macapá Roots



DJ's: Gisele Roots e Patcheco Roots
Fonte: Facebook Macapá Roots



Quiosque Brisa Jamaicana na Praça do Côco
Fonte: A autora/Arquivo pessoal



Vovô do Reggae e Jorge Neres
Fonte: A autora/Arquivo pessoal



Neguinho do Reggae e eu/ Laranja do Jarí-AP
Fonte: Neguinho do Reggae/Arquivo pessoal



Bar Kingston Music/2013
Fonte: Facebook Coelho Roots

ANEXOS



Ônibus da extinta Estação Locoreggae/2013 – Fonte: Facebook Estação Locoreggae

ANEXOS

ISSN 1677-7042



DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO

República Federativa do Brasil - Imprensa Nacional

Em circulação desde 1º de outubro de 1862



Ano CXLIX Nº 92
Brasília - DF, segunda-feira, 14 de maio de 2012

Sumário	
	PÁGINA
Atos do Poder Legislativo	1
Atos do Poder Executivo	1
Presidência da República	55
Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento	57
Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação	134
Ministério da Cultura	137
Ministério da Defesa	140
Ministério da Educação	144
Ministério da Fazenda	150
Ministério da Integração Nacional	161
Ministério da Justiça	161
Ministério da Previdência Social	166
Ministério da Saúde	166
Ministério das Cidades	184
Ministério das Comunicações	184
Ministério de Minas e Energia	186
Ministério do Desenvolvimento Agrário	196
Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome	196
Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior	197
Ministério do Esporte	202
Ministério do Meio Ambiente	202
Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão	202
Ministério do Trabalho e Emprego	203
Ministério dos Transportes	205
Conselho Nacional do Ministério Público	207
Ministério Público da União	207
Tribunal de Contas da União	294
Poder Judiciário	307
Instituições de Fiscalização do Exercício das Profissões Liberais	308

Atos do Poder Legislativo

LEI Nº 12.627, DE 11 DE MAIO DE 2012
Institui o Dia Nacional dos Portadores de Vítigo.

A PRESIDENTA DA REPÚBLICA
Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º Fica instituído o Dia Nacional dos Portadores de Vítigo, a ser celebrado no dia 14 de agosto de cada ano.

Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 11 de maio de 2012; 191ª de Independência e 124ª da República.

DILMA ROUSSEFF
Alexandre Rocha Santos Padilha

FORMATO	ANIMA	PREÇO
08 x 12 cm	15	0,30
11 x 17 cm	25	0,50
16 x 22 cm	35	0,70
20 x 28 cm	50	1,10
25 x 35 cm	75	1,50
30 x 42 cm	100	2,00

Os preços são válidos para o período de 01/05/2012 a 31/05/2012. Para maiores informações consulte o site www.in.gov.br.

Este documento pode ser verificado no endereço eletrônico <http://www.in.gov.br/assinadigital>, pelo código 0062012051400001

LEI Nº 12.628, DE 11 DE MAIO DE 2012
Institui o Dia Nacional do Piauí, a ser comemorado em 4 de outubro.

A PRESIDENTA DA REPÚBLICA
Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º Fica instituído o dia 4 de outubro como o Dia Nacional do Piauí.

Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 11 de maio de 2012; 191ª de Independência e 124ª da República.

DILMA ROUSSEFF
Carlos David Brito

LEI Nº 12.628, DE 11 DE MAIO DE 2012
Institui o Dia Nacional de Combate e Prevenção à Trembosa.

A PRESIDENTA DA REPÚBLICA
Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º Fica instituído o Dia Nacional de Combate e Prevenção à Trembosa, a ser comemorado, anualmente, no dia 16 de setembro.

Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 11 de maio de 2012; 191ª de Independência e 124ª da República.

DILMA ROUSSEFF
Alexandre Rocha Santos Padilha

LEI Nº 12.630, DE 11 DE MAIO DE 2012
Institui o Dia Nacional do Reggae.

A PRESIDENTA DA REPÚBLICA
Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º Fica instituído o dia 11 de maio como o Dia Nacional do Reggae, data em que se homenageia o ritmo musical difundido inicialmente por Robert Nesta Marley.

Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 11 de maio de 2012; 191ª de Independência e 124ª da República.

DILMA ROUSSEFF
Aurea Maria Buarque de Hollanda
Luiza Helena de Almeida Brito

LEI Nº 12.631, DE 11 DE MAIO DE 2012
Institui o Dia Nacional das Hemoglobinopatias.

A PRESIDENTA DA REPÚBLICA
Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º Fica instituído o Dia Nacional das Hemoglobinopatias, a ser celebrado, anualmente, no dia 8 de maio.

Art. 2º Os objetivos do Dia Nacional das Hemoglobinopatias são:

- I - estimular ações de informação e conscientização relacionadas às hemoglobinopatias;
- II - promover debates e outros eventos sobre as políticas públicas de atenção integral aos portadores de hemoglobinopatias;
- III - apoiar as atividades organizadas e desenvolvidas pela sociedade civil em prol dos portadores de hemoglobinopatias;
- IV - difundir os avanços técnico-científicos relacionados às hemoglobinopatias.

Art. 3º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 11 de maio de 2012; 191ª de Independência e 124ª da República.

DILMA ROUSSEFF
Alexandre Rocha Santos Padilha

Atos do Poder Executivo

MEDIDA PROVISÓRIA Nº 508, DE 11 DE MAIO DE 2012

Dispõe sobre servidores do Instituto Nacional de Meteorologia, do Conselho Esportivo do Polo de Lacerdum Cacauim, da Agência Brasileira de Inteligência, do Conselho de Valores Mobiliários, do Instituto Evandro Chagas, do Centro Nacional de Primatas, da Fundação Oswaldo Cruz, do Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas, do Instituto Nacional do Seguro Social, da Superintendência de Seguros Privados, do Instituto Nacional de Matemática, Qualidade e Tecnologia, da Superintendência Nacional de Previdência Complementar, do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Amélio de Almeida, do Fundo Nacional de Desenvolvimento para a Educação, do Departamento Nacional de Obras e Serviços de Engenharia, do Serviço Educador Brasileiro, do Instituto Brasileiro de Turismo, da Superintendência da Zona Franca de Manaus, do ex-Território de Fernando de Noronha e do Ministério da Fazenda, sobre os ocupantes de cargos de Médico do Poder Executivo, de cargos de Especialista em Infraestrutura Sênior, de cargos de Agente de Combate às Endemias e de cargos das carreiras de Magistério Superior e do Ensino Médio, Técnico e Tecnológico, de Análise de Infraestrutura, de Ciência e Tecnologia, de Tecnologia Militar, de Desenvolvimento de Políticas Sociais e de Finanças e Contábil, sobre as gratificações e adições que menciono, e dá outras providências.

A PRESIDENTA DA REPÚBLICA, no uso da atribuição que lhe confere o art. 82 da Constituição, adoto a seguinte Medida Provisória, com força de lei:

CAPÍTULO I
DAS CARREIRAS, CARGOS E PLANOS DE CARGOS DO PODER EXECUTIVO FEDERAL

Seção I
Dos Servidores do Instituto Nacional de Meteorologia - INMET

Art. 1º Fica instituída, com efeitos financeiros a partir de 1º de julho de 2012, a Classificação de Apoio à Execução das Atividades de Meteorologia - CEDMET, devida aos titulares de cargos de profissões regulamentadas do Instituto Nacional de Meteorologia - INMET.

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.206-2 de 24/08/2001, que institui a Infraestrutura de Chaves Públicas Brasileira - ICP-Brasil.